

OLAVO BILAC - COELHO NETTO

# contos pátrios

para crianças

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Contos Pátrios

Olavo Bilac e Coelho Netto  
Francisco Alves  
1931

# 1. A Fronteira

Coelho Netto

Noite alta e morna: o rio rolava vagarosamente as suas grandes águas, e a veneranda seiva, de troncos virgens, enchia a solidão com o seu murmúrio solene, quando chegou ao povoado um cavaleiro. O animal, que ele cavalgava, humilde e arquejante, denunciava um longo e desabrido galope: e a pressa com que saltou da cela á porta da primeira cabana, fechada e silenciosa, fazia suspeitar que algum acontecimento grave o levava a empreender tão arriscada viagem, através da floresta percorrida pelos animais bravios.

Bateu com força e, como não lhe respondessem, bateu de novo: falaram. — Abre!— bradou imperativamente. Logo rangeu o ferrolho, e num raio de luz apareceu no limiar da porta a valida figura de um sertanejo trazendo apenas sobre o corpo uma camisola ampla que lhe chegava aos pés.

— As nossas terras vão ser tomadas: — disse o recém-chegado, antes mesmo de saudar o sertanejo. — Vim por essas matas a todo galope para ver se ainda chegava a tempo de prevenir-vos.

— Vão ser tomadas! — exclamou o outro, pasmado.

— Sim. Estrangeiros efetuaram um desembarque e vêm pela floresta, armados.

— E então? Que havemos de fazer?

— Armemo-nos.

— Quantos são eles?

— Não sei: o número pouco importa, o necessário é que nos defendamos.

— E se eles forem muito superiores em numero?

— Não importa. Se eu aqui vivesse isolado, da porta da minha cabana faria fogo sobre os invasores até cair atravessado por uma bala. Somos ao todo vinte e três homens, eles são talvez duzentos... mas vamos! Arma-te e vem: acorda tua mulher e teu filho, eu vou prevenir os mais.

O sertanejo esteve algum tempo hesitante. O murmúrio da floresta crescia com o vento, dando, por vezes, a ilusão de tambores rufados, ao longe.

— Eles aí vêm...

— Eles aí vêm: não há tempo a perder! Se morrermos, todos os nossos corpos ficarão marcando a fronteira da Pátria. Pelas nossas ossadas e pelas cinzas das nossas cabanas, os que vierem mais tarde conhecerão o limite do Brasil. Vamos! Falta-nos uma bandeira; temos, porém, o céu, o grande céu; e o choro assustado de nossos filhos excita-nos mais do que os clarins de guerra. Vamos!

— Vamos! — bradou o sertanejo, correndo a buscar a sua arma de caça.

Quando luziu a madrugada formosa, todos os homens do povoado estavam de pé, de arma em punho, entrincheirados, esperando o invasor.

As mulheres intrépidas, que não haviam querido deixar os maridos, apertavam ao colo os filhos que dormiam, e todos os olhos estavam cravados no caminho onde deviam aparecer os estrangeiros.

Era quase meio dia, o sol abrasava, quando os primeiros soldados surgiram tranqüilamente, pisando com orgulho a terra que julgavam abandonada: á frente caminhava o oficial garboso, fazendo brilhar ao sol a espada nua. Mas um grito atroou: — “Viva o Brasil!” — e logo uma descarga retumbou no silencio. Os invasores, surpreendidos, recuaram: eram em numero muito superior ao dos que defendiam a terra natal, posto que cinco d’eles já escabujassem no solo alcançados pelas balas certas dos sertanejos.

Ressoaram clarins, e, em fila cerrada, os invasores avançavam: nova descarga, porém, fez que retrocedessem, deixando no campo novos mortos.

E não viam o inimigo; davam tiros ao acaso, aterrados, como se se batessem com o sobrenatural,

até que uma nova descarga os colheu, sendo atingido o oficial, que rolou por terra moribundo. Desanimados, os invasores recuavam, sempre atirando ao acaso, sempre perseguidos pelas balas dos que defendiam a terra da pátria, até que alcançaram os barcos e precipitadamente passaram á outra margem. De longe, então, atravessando as águas, viram aparecer os heróis que se haviam batido entrincheirados nas próprias cabanas, tendo ao lado as mulheres, os filhos, os velhos pais que os animavam. E a selva grande e veneranda parecia aplaudir os seus filhos valentes com a sua grande voz murmurosa e constante. E até alta noite, enquanto abriam covas para enterrar os inimigos mortos, bradavam delirantemente, vitoriosamente: — Viva o Brasil! — contentes por haverem defendido a fronteira, da qual eram os guardas fieis, contras as mãos rapazes do estrangeiro.

## 2. Mãe Maria

Olavo Bilac

É ainda esta, no fim de minha longa vida, tão cheia de alegrias e de tristezas, a recordação mais funda que guardo dentro da alma.

Fechando os olhos, para mais claramente evocar a memória dos dias da minha infância, vejo logo, nitidamente desenhada pela minha saudade, a doce figura da velha mãe Maria. Tão velha!... Quando nasci, já o seu cabelo encarapinhado embranquecia. Ainda viveu comigo uns treze anos. E nunca ninguém me soube dizer onde morreu, e onde foi dormir o último sono o seu corpo de velha escrava, alquebrado por quase um século de cativo e de trabalho.

\* \* \*

Comprar e vender escravos era, naquele tempo, uma coisa natural. Ninguém perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguém procurava saber de onde vinha a carne com que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois de meu nascimento, meu pai a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrível: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e calejadas eram sacudidas de um tremor convulsivo.

Conosco, a sua vida foi quase feliz. Na cidade, o cativo era infinitamente mais brando que na roça. Aqui, se havia menos trabalho sem tréguas, não havia, ao menos, o chicote do feitor. Lá fora, sim! Lá fora, era a labuta estalfante do *café*, os dias terríveis sob o sol implacável, a comida pouca e o castigo muito. Maria, quando eu às vezes lhe perguntava o que era a roça, ficava calada, olhando o chão, como se estivesse revendo com horror o tormento d'essa vida antiga. Um dia, despiu a meio a camisa de algodão grosso, e mostrou-me as costas e o peito. A pele preta estava de espaço a espaço cortada de largos vergões, cicatrizes, sinais de queimaduras. Eu, com os meus inocentes olhos de seis anos, olhava aquilo sem compreender. “Como foi isso, mãe Maria?”. “Maldades dos homens, sinhozinho, maldades dos homens...”. Certa noite, como ela me contasse uma história em que se falava de crianças roubadas aos pais, perguntei: “Você nunca teve filho, mãe Maria?” A pobre negra limpou uma lágrima, e não respondeu: mudou de conversa, e continuou, com a sua meia língua atrapalhada, a contar a história, — uma dessas compridas histórias da roça, em que há saci-pererês e caiporas, almas do outro mundo e anjos do céu. E eu olhava-a, com uma secreta mágoa... Não que compreendesse bem aquilo: mas a minha inteligência de criança já adivinhava uma parte daquela dolorosa vida de cativa.

Como ainda me lembro dessas noites!... Era na sala de jantar, que tinha uma grande varanda, deitando para o quintal. Estou ainda vendo o velho sofá de madeira negra em que meu pai dormia a sesta, a longa tábua de engomar em que as mucamas passavam a ferro a roupa branca, e perto da mesa em que ardia o grande lampião de azeite, minha mãe imóvel e pálida, na sua feia e enorme cadeira de parálitica.

Moça ainda, ficara ela assim, logo depois de ter eu vindo ao mundo. Como a perdi muito cedo, não me lembro bem dela: apenas sei que era bonita e que não falava nunca. Olhava para mim, para meu pai, para as escravas, com um olhar apagado, de louca resignada e mansa.

Assim, a velha Maria foi minha verdadeira mãe. Havia ainda em casa uma senhora idosa, prima de meu pai, que era quem dirigia tudo. Essa, porém, apenas tinha tempo para governar as escravas, fazer doces, e cuidar das costuras e das roupas engomadas. — Boa mãe Maria! era ela quem me aturava... Quando eu não queria obedecer, procurava fingir-se zangada, e ameaçava-me: “Nhô Amancio! Nhô

Amâncio!” E acalmava-me, por fim, prometendo-me uma nova história. Sentava-se no chão, cruzava as pernas, e começava. Ouvia-se apenas na sala o ressonar de meu pai que dormia a sesta, o pigarro da velha prima que cosia, o ruído que faziam os ferros de engomar sobre as tábuas, e a voz arrastada de mãe Maria, falando de saci-pererês, de caiporas, de almas do outro mundo e de anjos do Senhor.

Todo aquele enredo fantástico, em que passavam bruxas cavalcando cabos de vassouras, príncipes que roubavam princesas, arcanjos que desciam do céu para curar as feridas dos escravos no tronco, negras aleijadas, que invocavam o diabo, à meia-noite, no meio do mato, e eram afinal arrebatadas por ele, numa nuvem de fogo e enxofre, — tudo aquilo se atropelava na minha cabeça, cansando-me, dando-me arrepios e vertigens de medo.

Daí a meia hora, pesavam-me as pálpebras. Aos meus ouvidos, a voz de Maria chegava cada vez mais fraca: até que quase sumia de todo, parecia vir de longe, de muito longe, vaga e indistinta como um eco. Eu deixava cair a cabeça sobre o seu colo e dormia. E era ela quem, carinhosamente, me levava para a cama, era ela quem me despia, e, obrigando-me a ficar de joelhos, tonto de sono, me fazia repetir o Padre Nosso, estropiado pela sua língua de africana.

\* \* \*

Quando tive de ir para o colégio, — um internato sério de onde os alunos só saíam uma vez por ano, — chorei muito tempo, abraçando Mãe Maria, agarrado à sua grossa saia de riscado azul. Ela chorava também, chamando-me *seu filho*, beijando-me, consolando-me:

— Vai, Nhô Amâncio! vai, meu filho! vai pra ser homem! vai, Nhô Amâncio! a sua negra velha fica rezando a Nosso Senhor! a velha fica rezando!

Pela mão de meu pai, fui pela rua, soluçando, soluçando.

\* \* \*

Oh! os primeiros dias de internato! Que casa! As salas, muito altas e muito claras, tinham um silêncio que dava medo. Entre as bancas de estudo, o padre Francisco passeava, batendo com força os tacões dos sapatos, fungando pitadas de rapé. Eu, com a morte da alma, lembrava-me da casa, lembrava-me da varanda que dava para o quintal, de minha mãe imóvel na sua enorme e feia cadeira de paralítica, da velha prima que costurava, e de mãe Maria... de mãe Maria!... e das suas mãos calejadas e reluzentes! e do seu cabelo encarapinhado! e da sua voz! e das suas histórias! E as letras do livro iam-se confundindo e dançando, vistas através das lágrimas que me embaciavam os olhos.

Mas passou a primeira semana, passou o primeiro mês, passou o primeiro trimestre. Criei amizade aos companheiros. E a minha saudade foi diminuindo, diminuindo, diminuindo...

Quando o primeiro semestre findou, já mãe Maria, e sua face, e sua carapinha, e as suas mãos, e a sua voz, e as suas histórias, me apareciam indistintamente, como no fundo de um passado remoto. À noite, quando me deitava, depois do exercício violento da *cabra-cega* e da *barra*, o sono já não me deixava pensar naquela que ficara rezando a Nosso Senhor por Nhô Amâncio. Nhô Amâncio só se lembrou de mãe Maria quando as férias chegaram..

“Ah! Nhô Amâncio! — dizia a preta chorando, de joelhos, beijando-me as mãos — como Nhô Amâncio está crescido e bonito!”

Um ano de colégio bastara para me transformar. E, agora, eu aparecia à velha ama-seca, como um novo sinhô-moço, — um sinhô-moço que tinha onze anos, que já sabia ler e escrever, que já se julgava um homem, e que às histórias atrapalhadas e tolas de mãe Maria preferia a malha e a ginástica.

A vida da casa era mesma. Apenas mãe Maria, não tendo agora sinhô-moço para criar, passara a tratar da lavagem da roupa.

E era no quintal que estava agora quase sempre, de saia levantada, patinhando na água da barreira, indo de coradouro a coradouro, — um pouco mais velha, um pouco mais trôpega, mas ainda robusta.

Foi durante essas férias que se deu o caso, cuja recordação ainda hoje, no fim da minha longa via, tão cheia de alegrias e de tristezas, é a mais viva das que guardo dentro da alma.

\* \* \*

Uma tarde, mãe Maria lavava roupa no quintal. Desci. Ao fundo, ficavam os cercados das galinhas. Comecei a atirar-lhes pedras. Mãe Maria protestou logo: “Nhô Amancio! que maldade, menino! deixa os bichos, Nhô Amancio!” Eu ria, e continuava.

Entre mim e os cercados do galinheiro, ficavam os coradouros. As pedras passavam sobre a cabeça da velha.

— “Nhô Amâncio! Nhô Amâncio! Deus castiga, Nhô Amâncio!” — repetia a preta, mas sem gritar, receando que meu pai a ouvisse. E eu ria, e continuava. Correu então para mim.. Eu ria. E as pedras passavam por elas, rentes algumas, na direção dos cercados.

Não sei como foi... Vi-a cambaleiar e cair, levando as mãos à cabeça, de onde o sangue corri aos borbotões. Senti no coração uma pancada seca, dolorosa. Uma nuvem de pranto me cresceu nos olhos. Corri para a velha, com a garganta sufocada de soluços.

Uma pedrada lhe quebrara a cabeça: e o sangue ensopava a sua carapinha dura, já quase toda branca. Principiei a gritar, alucinadamente. E ela, trêmula, desfalecida, apertando a ferida com a mão manchada de vermelho, murmurava:

“*Não grita, Nhô Amâncio! não grita! não foi nada! não grita, que Sinhô ouve!*”

Mas eu gritava. Todo o antigo afeto esquecido renascia ali, diante da minha velha mãe Maria, toda banhada em sangue, ferida por mim. Toda a casa acudira aos meus gritos. Vi junto de nós meu pai, a prima, as escravas. Então tive medo do castigo...

Mas a velha negra já tinha um sorriso nos lábios. E, olhando meu pai, que indagava a causa daquilo, dizia: “Não foi nada, Sinhô, não foi nada! A negra velha escorregou no sabão, e quebrou a cabeça nas pedras. Mas Nhô Amâncio acudiu logo. Não foi nada, Sinhô não foi nada!”

.....

Quando, pensada a ferida, eu, a sós com ela, a vi salva e repousada, — caí nos seus braços, pedindo-lhe perdão, cobrindo de beijos aquela face que me parecia tão bela, tão clara, tão iluminada, como a face de um daqueles anjos do Senhor, de que ela me falava nas suas compridas histórias da roça. E ela, chorando também:

“Que é isso Nhô Amâncio? que foi que mãe Maria fez?... tinha que ver que Nhô Amâncio fosse apanhar um sova por causa do cangalho de uma negra velha!...”

\* \* \*

Daí a um ano, quando de novo voltei do colégio, ainda abracei mãe Maria. Vi-a e abracei-a ainda. pelo Natal, dois anos seguidos. Depois... morto meu pai, morta minha mãe, vendidos todos os escravos da casa, — nunca tive quem me dissesse onde foi dormir o seu último sono a minha velha mãe Maria, alquebrada por quase um século de cativo e trabalho.

### 3. A Partilha

Coelho Netto

Cantava, e as lágrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pálida. Sofria, mas, como era preciso que o pequenino adormecesse, cantava, indo e vindo, devagar, embalando nos braços a criança. O mais velho — três anos — olhava-a risonho e, de quando em quando, cantarolava: “Estou com fome, mamãe! Estou com fome...”

E o pequenito, insone, muito esperto, a boquinha colada ao peito, sugava. “Estou com fome, mamãe...”: cantarolava o outro.

Ia alta a manhã; mas, se o sol alegrava o quintalejo, que tristeza em casa! Viúva, tísica, desfigurada pela moléstia e pela fome, tímida demais para pedir esmolas, que havia de fazer a desgraçada: “Estou com fome, mamãe”: cantarolava o mais velho.

— Espera, filho! Espera!

Como o pequenino adormecesse, a mãe foi pé ante pé, e deitou-o sobre um fofo colchão de panos, a um canto da casa: e o mais velho, seguido-a, cantarolava sempre:

“Estou com fome, mamãe...”

— Não faças bulha, filho: espera. E, acenando-lhe, passou à cozinha. Mas que havia de fazer?

Ardia a derradeira acha: e a mãe, os olhos rasos d’água, pôs-se a soprar a lenha para atear o lume, enquanto o filho, que se lhe agarrava às saias, cantarolava: “Minha mãezinha... estou com fome”— mas já contente, vendo que a chaleirinha fumegava. À mesa, porém, quando a mãe lhe apresentou a tigela e o pedacinho de pão da véspera, o pequeno fitou-a com espanto:

— Só café, mamãe?

— Só, meu filho...

O pequeno, levando a colher à boca, foi repelindo a tigela, com um beicinho, prestes a chorar.

— Não chores: olha que vais a acordar o maninho! Espera!

E, desabotoando o corpinho, tirou o seio farto, pojado de leite e espremeu-o, trincando os lábios descorados por onde as lágrimas corriam fio a fio, e, entregando a tigela ao filho:

— Toma, e não faças bulha!

E o pequeno, arregalando os olhos, satisfeito: “Agora sim!” pôs-se a cantarolar.

Baixinho, então, a mãe lhe disse: — E não peças mais, ouviste? o outro é para o maninho. — E foi, pé ante pé, espiar o filho que dormia.

## 4. Um homem

Olavo Bilac

Desde a véspera, havia grande alegria no colégio. Fechadas as aulas, o saguão estava cheio de canastras e malas, já arrumadas. Pelos corredores, numa vozeria alegre, andavam os alunos, em grupos. Aquele severo edifício, que era o terror dos calouros, pelo seu silêncio e pela sua tristeza, durante a época dos trabalhos, — estava agora transformado. Folhagens de mangueira atapetavam ainda o salão de estudo, cujas paredes desapareciam sob a profusão das bandeiras, das cortinas, dos arcos verdes. Realizara-se ali, na véspera, a distribuição dos prêmios. Muitos alunos tinham já partido. Os que ainda esperavam que os viessem buscar, tinham os olhos brilhantes de alegria e de impaciência.

Férias! Férias! Quando, depois da distribuição de prêmios, a sineta do colégio, num repique festivo, anunciou àqueles pequenos corações o fim da sua prisão de um ano, todos eles se dilataram, antegozando já os dias de liberdade e de ventura, que os esperavam em casa, junto das famílias, longe da tristeza daqueles refeitórios e daqueles dormitórios imensos e frios.

Mas, no meio da alegria geral, Jorge, um menino de dez anos, encostado a uma janela, meditava. Recebera os melhores prêmios. Lá os tinha, cuidadosamente guardados na mala. Lembrava-se das palavras de louvor que ouvira, quando o diretor lhe entregara os dois livros ilustrados e a grande coroa de mérito. Mas lembrava-se também de que, ouvindo aqueles elogios do mestre e aquelas palavras entusiásticas que saudavam os seu triunfo, sentia o coração apertado, cheio de uma grande tristeza, e somente a custo continha as lágrimas que lhe cresciam nos olhos. Todos os outros voltando de receber os prêmios, passavam entre os companheiros com a face corada de orgulho. Jorge, porém, ficara triste. E triste estava ainda agora, mais triste do que, se, tendo recebido repreensões em vez de prêmios, fosse apontado como o mais vadio do ano.

Ninguém viera assistir à sua vitória... Nos outros anos, vinha sempre seu pai, um velho que chorava como uma criança, quando beijava o filho, ao fim desses dez meses de separação. E Jorge lembrava-se das perguntas sem conta que lhe fazia então, das notícias que pedia da mamãe, e da maninha, e dos animais domésticos, e dos criados, e de toda aquela vida da casa, tão conhecida e tão profundamente amada...

Mas, desta vez, ninguém viera. Pela primeira vez, passara Jorge, no imenso e frio dormitório do colégio, essa primeira noite de férias, que costumava ser a primeira noite de sua felicidade anual.

E ninguém vinha! Todos os companheiros saíam. No saguão, iam diminuindo as rumas das malas e das canastras. Poucos alunos restavam... Ninguém vinha! —

Jorge fechou o rosto nas mãos e desatou a chorar.

De repente a voz de um bedel gritou:

— Número 36!

Era ele! Jorge voltou-se, de um salto, correu, já certo de ir ver seu pai, já esquecido do quanto sofrera, já pronto para se atirar, como um louco, de encontro ao peito do velho. Mas deteve-se, assustado. Quem o vinha buscar era um desconhecido, — um homem alto e magro, fisionomia dura, de gestos secos, e de poucas palavras. Jorge despediu-se do diretor, e saiu com ele. Quis interrogá-lo. Soube apenas que o pai adoecera, e mandara pedir ao seu correspondente no Rio de Janeiro que se encarregasse de mandar para a roça o menino. Mais nada.

E nessa noite, num escuro e feio quarto de casa de comércio, Jorge não dormiu. Sentia-se tão só! Tão só! Um pressentimento cruel lhe enchia a alma de terror. E, de madrugada, quando o vieram chamar para tomar o trem, ele ainda soluçava com a cabeça enterrada no travesseiro.

Com que alegria fizera em outros anos essa viagem! O trem voava, alucinadamente... mas Jorge

ainda o amaldiçoava, achando-o lento e aborrecido. E, respirando o ar fresco da manhã, vendo as montanhas que pareciam galopar em sentido oposto ao do trem, pensava nos beijos com que cobria a face da mamãe, e no rodopio de júbilo supremo em que arrastaria a irmã, e nos dias calmos que se seguiriam...

Mas, nesta triste madrugada, até o céu era outro.

Chovia. Uma grande mágoa cobria e afeiava a natureza.

As árvores molhadas, gotejantes, vistas de relance, parecia que choravam. Jorge, cansado da noite de insônia, adormeceu, ao lado do caixeiro da casa comercial, que fumava, indiferente, lendo um jornal.

Houve uma parada brusca do trem. O menino acordou. O caixeiro sacudia-o. Tinham chegado. E foi com o coração batendo precipitadamente que Jorge subiu para o *trolley* que o esperava na estação, e fez a viagem, por aquela estrada tão conhecida, — entre árvores familiares que guardavam em cada folha uma recordação.

Na porteira da fazenda, ninguém o esperava. O cancela rangeu soturnamente, surdamente... Aquela cancela! Aquela cancela de traves pintadas de verde, através das quais, nos outros anos, costumava ele ver o rosto ansioso da mamãe todo iluminado de um sorriso, e a cabeça fulgurante da irmã em que os cabelos louros brilhavam como o resplendor de um anjo...

Entrou. Dentro do seu coração de criança já a verdade terrível estava palpitando. Já o seu cérebro de dez anos adivinhara tudo... por isso não teve uma palavra, quando viu, toda coberta de luto, a mamãe que lhe abria os braços chorando. Precipitou-se nesse adorado seio, tremendo, com soluços que o afogavam. E, como, ao seu lado, a maninha também chorava, Jorge, como um homem feito, começou a acariciar-lhe a face, dando-lhe beijos, dizendo-lhe palavras doces, que, daí a pouco, faziam a menina sorrir, na sua inocente alegria de seis anos...

O pai morrerá. Toda a casa tinha ainda o pavor e o espanto desse desastre recente. Jorge foi buscar, dentro da mala, os seus prêmios, — os dois livros grandes, ricamente encadernados, e a grande coroa de mérito.

Foi até o gabinete do pai. Lá estava a sua secretária, larga e severa. Sobre ela, pregado à parede, o retrato do velho sorria. Jorge colocou sobre a mesa as recompensas de seu trabalho, como se quisesse mostrar ao retrato do pai que não desprezara os seus conselhos.

Mas voltou-se, ouvindo um barulho de choro. Era a mãe que entrava, toda de luto, e que o abraçava, dizendo:

— Não temos mais ninguém, meu filho! Não temos mais ninguém neste mundo!

Jorge aprumou o corpo, e, com os olhos enxutos e a bela face tranqüila, perguntou:

— E então eu, mamãe? E então eu não sou um homem?

E havia na face e na voz desse menino de dez anos uma tal resolução de uma tal coragem que a velha senhora, já sem chorar, teve nos lábios um sorriso de orgulho. Beijou a testa do filho. E traçando, com a mão direita, sobre ele, uma cruz, murmurou:

— Tu és um homem, meu filho! Deus te abençoe, meu filho!

## 5. O “Cabeça de Ferro”

Olavo Bilac

Nesse ano de 1782, em Minas, no mesmo lugar em que assenta hoje a cidade de Diamantina, as autoridades de Portugal, monopolizando para a Coroa portuguesa o comércio dos diamantes, eram implacáveis no seu despotismo.

Entre os trabalhadores empregados na extração, a miséria era grande. Quase todos os escravos sofriam fome, enquanto pelas suas mãos passavam milhões de pedras, que valiam quantias assombrosas, e iam enriquecer o tesouro português.

O trabalho era duro. Primeiro, era preciso descobrir o trecho do rio, em cujo fundo se esperava achar a jazida. Cavava-se ao lado dele um vale, forrado de tábuas unidas e calafetadas: Cercava-se depois o rio: desviavam-se as suas águas para o vale. Então, secava-se o leito assim descoberto. Quebravam-se as rochas que o forravam, tirava-se a camada inútil de terras e areias: e via-se logo, sob a forma de um cascalho feio e grosseiro, a preciosa mina, em que dormiam as grandes e rutilantes pedras preciosas. Muitas vezes, o trabalho ficava perdido: não se encontravam diamantes na porção explorada do rio, e era preciso recomeçar mais longe a mesma dura tarefa.

Tratados com um rigor intolerável, privados de tudo, sofrendo pela menor falta castigos horrorosos, trabalhando sem cessar de sol a sol, os desgraçados entendiam-se com os contrabandistas, a quem vendiam os diamantes que furtavam. As autoridades condenavam sem processo os acusados desse crime. Os contrabandistas, que eram conhecidos pelo nome de *garimpeiros*, eram perseguidos sem trégua pela tropa. Às vezes, desesperados, açoitados pela patrulha da metrópole, os garimpeiros organizavam guerrilhas e resistiam. Corria o sangue de parte a parte.

Os escravos suspeitos eram condenados à morte, sumariamente. Não se abriam devassas. Não se admitiam defesas. Bastava uma simples denúncia. Alguns, amarrados a troncos de árvores, eram surrados até morrer; outros acabavam crivados de balas; outros expiravam de fome, no fundo de masmorras sem ar.

Em 1782, era Intendente dos Diamantes José de Meirelles, homem cruel que conseguia ser ainda mais tirano do que os seus antecessores. O povo dava-lhe o nome de *Cabeça de Ferro*. Violento, fez pesar sobre Minas a sua maldade. Quem por esse tempo viajava pela região, que ficava sob o domínio do Cabeça de Ferro, via, de espaço a espaço, corpos no chão, varados de tiro de espingarda, cadáveres de enforcados oscilando nos galhos das árvores. Eram as vítimas do Intendente.

Mas não eram somente os suspeitos do crime de contrabando que sofriam o peso do seu ódio. Bastava ter pena do sofrimento dos pobres escravos para ser considerado cúmplice deles. A cadeia do arraial estava constantemente cheia de inocentes, cujo crime único era o ter dado um pedaço de pão a um trabalhador faminto. O Cabeça de Ferro era onipotente. Quem ousava contrariá-lo, se escapava da morte, era degredado para a África, e deixava a família na miséria, porque todos os seus bens eram confiscados para o Estado. E, quando o Intendente atravessava o povoado, arrogante, de sobrecenho cerrado, seguido da multidão de seus guardas armados, o terror corria as ruas. Portas e janelas fechavam-se. Nenhum olhar atrevia a fitar o olhar do orgulhoso Senhor, que tinha nas mãos o destino de todo o povo.

Essa tirania já durava três anos, quando, por ocasião de se celebrar uma festa religiosa no arraial, veio para pregar o sermão, na Vila do Príncipe, um sacerdote modesto, — homem de rara virtude, cuja palavra ardente estava sempre cheia de bênçãos para os humildes e de maldições para os orgulhosos. Era o vigário Brandão. Ninguém imaginaria, vendo-o pequenino, fraco, de olhos postos no chão, tão pobrememente vestido que causava dó, ser aquele o homem que nunca recearia dizer a Verdade, por terrível que fosse, aos grandes da terra. O povo, quando o viu chegar, acolheu-se sob sua proteção.

O vigário viu os arredores do povoado cobertos de cadáveres sem sepultura; viu as casas dos suspeitos incendiadas por ordem do Intendente; viu a cadeia cheia de infelizes, que gemiam sob o peso dos ferros, vítimas quase todos de acusações infundadas; e, com palavras duras, que o amor da justiça inspirava, intimou o Cabeça de Ferro a respeitar as leis da Humanidade. O Intendente sorriu. E a sua crueldade aumentou.

Chegou o dia da festa.

A igreja, cheia de povo, resplandecia de luzes. Quando o vigário ia falar, entrou o Intendente; seguia-o a sua guarda: e o implacável tirano, arrogante, caminhava de olhos erguidos, dominando com a sua presença temerosa a multidão que tremia.

O vigário começou a falar. A sua voz clara e colérica tinha uma majestade divina. Falou dos magistrados que apenas para oprimir os pequenos e os pobres sabiam usar do poder que a vontade de Deus lhe confiara.

O seu olhar não se afastava do ponto em que estava o Intendente, e o seu gesto, dirigido para ele, apontava-o como o causador da desgraça das famílias condenadas à orfandade e à fome; lançava-lhe em rosto o assassinato frio de tantos inocentes; condenava-o a vagar sozinho na terra, fadado a uma velhice de angústias e de remorsos, para pagar a sua desumanidade: e descrevia, ao vivo, o sofrimento dos que jaziam no fundo de masmorras escuras, dormindo sobre a lama, gemendo de sede, com os corpos chagados pela pressão das cadeias de ferro...

O povo todo, imóvel de assombro, diante de tamanha audácia, escutava em silêncio. O Cabeça de Ferro, com as faces acesas de cólera, tremia na sua cadeira. Levantou-se, cruzou os braços, e encarou o pregador.

Durante minutos, que pareciam séculos, esses dois homens — um, todo poderoso, temido, rico, arrumado, cercado de tropa, representando a autoridade despótica de El Rey— e o outro, fraco, pobre, sem armas, sem soldados, tendo apenas por si a Verdade, — longamente se fitaram em silêncio. Foi o homem poderoso que cedeu.

O Intendente baixou os olhos, com todo o corpo abalado de um tremor convulsivo. O povo murmurava. E o padre, sem tirar os olhos do criminoso, clamava:

— Ministro de Satanás! Como aferrolhas míseros inocentes nesse horrível calabouço, quando o seu crime só foi terem tirado da terra os tesouros que a Providência ali ocultou, para que igualmente a todos os homens servissem? Um dia, a inocência clamará contra ti, no tribunal divino, longe das paixões do mundo: e a maldição de Deus pesará sobre a tua cabeça!

Houve um movimento geral na multidão. Viram todos que o Intendente, de cabeça baixa, trêmulo e abatido, se encaminhava para a porta da Igreja. Seguiam-no os soldados da sua guarda: e o povo abria alas para deixar passar, humilhado com um réu, aquele que, havia pouco, passara sobranceiro como um deus.

Houve ainda quem temesse que, ao sair dali, o Cabeça-de-Ferro fosse preparar a sua vingança contra o atrevido que o injuriara, cobrindo de opróbrio e de vergonha.

Mas, no dia seguinte, soube-se no arraial, com alívio, que todos os que estavam presos injustamente tinham sido postos em liberdade; que os cadáveres que jaziam nos arredores sem sepultura, servindo de pasto aos corvos, tinham sido enterrados; e que a sorte dos criminosos, nos calabouços, tinha sido suavizada. E, de então por adiante, todo o povo respirou, vendo o Intendente reconciliado com a justiça e com a humanidade.

Porque, quando o amor do Bem e da Verdade palpitam na voz humilde de um justo, essa voz, por si só, é bastante para iluminar e purificar a alma endurecida de um tirano...

## 6. A Pátria

Olavo Bilac

O pai, velho soldado que a vida das guerras alquebrara, gostava de lembrar, à noite, quando toda família se reunia na sala de jantar em roda da grande mesa antiga, os episódios das campanhas que vira.

A mulher não ouvia com prazer aquelas histórias de cargas de cavalaria, de emboscadas, de assaltos, tão cheias de sangue e de horror. Quando o velho recordava aquele tempo, com os cotovelos na mesa e o cigarro no canto da boa, — ela revivia a angústia dos dias passados na solidão, sem notícias do marido que lá andava no Paraguai. Via toda a agonia daqueles seis anos de sobressalto e choro, daquelas noites em que não podia dormir sem ver em sonhos o marido estendido, retalhado de golpes, numa poça de sangue, sem confissão e sem um carinho, entre os montões de cadáveres, sobre os quais passavam, sem respeito, as patas dos cavalos, no ardor da batalha. Lembrava-se da ansiedade e do medo com que esperava o correio, naquelas amaldiçoadas tardes de desespero. Quando não vinham cartas, logo a sua alma adivinhava desgraças. Imaginava o marido prisioneiro, entre os paraguaios, sofrendo tratos duros, chorando lágrimas de vergonha e de raiva. Quando o carteiro lhe entregava um envelope fechado, — quantos minutos ficava ela a mirar e a revolver nas mãos aquele pedaço de papel que vinha do querido ausente, e que tinha recebido os seus beijos e as suas lágrimas de saudade!

Por fim abria a carta. A princípio não podia ler.

As letras se baralhavam, atrapalhadas. Tremia-lhe nos dedos o papel. Tinha de repousar um pouco: e, quando conseguia terminar a leitura, ficava abatida e sem consolo diante daquelas notícias que não variavam nunca. Era sempre a mesma coisa: não se sabia quando acabaria a guerra; mas Deus velava por ele; era preciso assegurar, conquistando um bom posto, um futuro feliz para os filhos; além disso a Pátria estava acima de tudo...

Ela amarrotava a carta... a Pátria! Que era a Pátria, para valer mais do que ela, mais do que aquelas duas crianças, que dormiam ali, estreitamente unidas, num só berço pequeno, — pobres inocentes que talvez a essa mesma hora já estivessem sem pai? I então contemplar os filhos, e ali ficava chorando, horas inteiras...

Quando o pai voltou da guerra, vinha major. Fora ferido. Perdera uma perna. A mulher abençoou essa desgraça. Ao menos, assim mutilado, ficava ele posto à margem, dispensado de voltar à mesma existência de perigos e canseiras. Podiam viver modestamente com seu soldo. Qualquer outro trabalho leve de que se pudesse encarregar, dar-lhe-ia o suficiente para educar os filhos. Carlos, o mais velho, preparar-se-ia para qualquer profissão honrosa e tranqüila (nunca a profissão do pai): — e Alice, a mais moça, casaria, seria feliz... e a boa mãe já sorria, prevendo para sua velhice essa felicidade absoluta: toda família reunida, calma e livre de desgostos, numa vida sem luxos mas sem privações...

Agora, porém, quando o velho major, durante os serões domésticos, começava a contar os seus episódios de campanha, a mulher estremecia. Recordava-se dos sofrimentos passados, e ansiosamente olhava o filho, Carlos, já mocinho de anos, que escutava o pai, abrindo muito os olhos, em que o prazer de ouvir aquelas façanhas acendia um brilho de febre.

O velho falava. Contava como, um dia, surpreendidos por mais de cem paraguaios em uma emboscada, ele e mais dezenove brasileiros se tinham defendido como leões, conseguindo, por um milagre de intrepidez e de calma, destroçar os inimigos. No entusiasmo da narração, o velho transfigurava-se. O seu braço, estendido no ar, indicava os golpes de espada. A sua voz imitava, ora o ruído contínuo e seco da fuzilaria, ora o estrondo rouco dos canhoneiros. Diante dele, Carlos, também transfigurado, bebia as suas palavras, com inveja, respirando a custo, agitando-se na cadeira. Alice, que tinha então dez anos, admirava o pai e o irmão: e os seus olhos espantados, dilatados pelo medo que lhe

faziam essas coisas de guerra, iam do velho ao menino e do menino ao velho. E a mãe quase rebentava em soluços, vendo a alegria do filho.

Era aquele, há muito tempo, o seu maior receio... Pobre mãe! Desde o tempo em que, o pequenino, Carlos, como as outras crianças, apenas devia pensar em bonecos, — o menino manifestava uma grande predileção pelas coisas da vida militar.

Ficava horas inteiras contemplando as fardas do pai: e, à noite, deixando de estudar, fechando sobre a mesa as suas gramáticas e os seus dicionários, era ele o primeiro a pedir ao velho mais uma daquelas narrações que o embriagavam. Às vezes ia a mãe surpreendê-lo, na sala de visitas, extasiado diante do pequeno armário envidraçado, onde o major guardava as relíquias de sua glória: a espada, as dragonas, as medalhas de ouro e bronze, as condecorações esmaltadas, e, entre esses atestados da sua coragem, a bala que lhe atravessara a perna, no combate de Humaitá.

Quando foi preciso escolher uma carreira, Carlos, sem hesitação, declarou que queria ir para a Escola Militar. O velho exultou. A mulher, resignada, não teve protesto.

Os anos correram. Alice, já moça, casou com um militar. E a boa senhora viu assim toda sua família submetida àquela existência que odiava.

Uma noite, conversavam os dois velhos, sós, naquela mesma sala de jantar em que tinham feito explosão os primeiros entusiasmos de Carlos. Falavam do filho. — Não te aflijas, mulher! — dizia o major. — Hoje, anda tudo em paz. O Brasil nunca mais terá guerras: isto é uma geração de molengas. Que perigo corre o nosso rapaz? Formar-se-á em engenharia militar, terá bons empregos, e morrerá de velhice. Não te aflijas, que o Brasil nunca mais terá guerras!

Neste momento, bateram à porta. Vinham dizer à família que Carlos morrera, vítima de um desastre, na Escola. Experimentava uma espingarda. Puxou o gatilho, julgando que a arma estivesse descarregada. Havia dentro uma bala, que lhe varou o peito.

O major sobreviveu pouco a esse desastre. Morreu um ano depois. E a viúva concentrou toda a sua afeição num neto, filho de Alice. E um dia, vendo esse pequenino brincar, fingindo de soldado, com uma barretina de papel e uma espada de pau, a velha murmurou:

— Também este ama a vida de soldado!... Será o que Deus quiser!

## 7. O “Rato”

Coelho Netto

Vivia de esmolas num estreito e úmido quarto de estalagem, onde mal cabiam os móveis: a cama onde jazia prostrada a moléstia, uma pequena mesa, duas velhas cadeiras e uma arca. Acompanhava-a o filho, um rapazola de nove anos, sadio e robusto, de uma tal viveza que todos na estalagem não o conheciam senão pela alcunha: *o Rato*.

Era um dos primeiros que acordavam e, ainda escuro, fazia toda a limpeza do aposento, mudava a água nas bilhas, deixava ao alcance da mão da paralítica a cafeteira e o pão, e saía cantarolando. Saía, porque a mãe, julgando-o ainda tenro e fraco para o trabalho e não dispondo de recursos para manter-se, pedira um atestado ao médico que, por misericórdia a tratava e, entregando-o ao pequeno, dissera: — Vai e fica à porta das igrejas: e aos que passarem mostra esse papel e pede uma esmola para tua mãe.

O pequeno saiu, e, à noite, tornando à casa com algumas moedas, entregou-as à mãe; mas, no mesmo momento, rompeu em pranto, atirando-se, soluçante, sobre a velha arca.

A paralítica, atribuindo a angústia da criança à quantia escassa que trouxera, procurou palavras de consolo: — Não chores, meu filho. Hás de ser mais feliz amanhã; o que trouxeste basta para passarmos o dia. Deus será por nós. Não chores.

O pequeno, porém, longe de consolar-se, afligiu-se ainda mais; e, à noite, a paralítica que velava ouviu ainda durante algum tempo os soluços do filho. De manhã, porém, cedo, como de costume, levantou-se, e, depois do serviço, foi beijar a mão à velha enferma, e partiu.

Era tarde, quase dez horas da noite, quando o *Rato* apareceu na estalagem cantarolando. A mãe, que passara o dia cheia de cuidados, mal o viu entrar falou com certa severidade:

— Ah! Meu filho, a que horas vens? Muito deves ter esmolado para que só às dez horas da noite voltes a casa!

O *Rato*, porém, risonho, beijou a mão da enferma, e logo, metendo as mãos nos bolsos, pôs-se a tirar moedas e notas atirando tudo para cima da cama. A paralítica, sorrindo, disse:

— Então, bem te disse eu que hoje havias de ser mais feliz, meu filho...

— Sim, minha mãe, fui muito mais feliz, principalmente porque ninguém me injuriou.

— Como! Pois houve alguém que te injuriasse, filho?

— Sim, minha mãe, ontem. Como a senhora me havia ordenado, fui ficar à porta da igreja. Quando cheguei, já havia lá muitos pobres, uns cegos, outros aleijados; meti-me entre eles e logo começaram as injúrias, porque eu era uma criança sadia e forte que ia para ali vadiar, quando podia estar empregando o meu tempo em alguma coisa útil. Uns mandavam-me para a escola, outros para a oficina; e, se aparecia alguém, vendo-me avançar com o papel na mão para pedir, empurravam-me, davam-me beliscões, e um atirou-me uma bordoadá às pernas com a muleta.

“Tudo isso, porém, fazia-me rir; o que me fez chorar foi o que me disse um velho que levava um pequeno pela mão, um pequeno do meu tamanho.”

“Quando eu lhe pedi esmola, ele olhou-me carrancudo, meteu os dedos no bolso do paletó, tirou um níquel e ficou algum tempo a olhar-me; depois vagarosamente guardou a moeda e, puxando o menino, disse baixinho: — Verás, vai daqui direto para a taverna... — O pequeno, mamãe, olhou-me de tal modo, que eu senti o sangue subir-me ao rosto e as lágrimas saltarem-me dos olhos. Vendo-me chorar, o pequeno teve pena de mim e falou ao pai. Pararam, e eu enxugava os olhos, quando ouvi a voz do menino: — Toma! — Olhei, e vi que ele me estendia a moeda. Estive para recusar, mas olhava-me com tanta meiguice que não tive ânimo. Recebi-a, agradei e guardei. Logo, porém, que os vi entrar na igreja, tirei-a do bolso, dei-a a um velho cego que estava sentado perto de mim, e desci. Desci os degraus, disposto a

voltar para casa, mamãe, mas lembrei-me de ti, lembrei-me que nada havia em casa e pensei em pedir trabalho em algum lugar...”

“Foi então que encontrei o Vicente com um maço de jornais, apregoando. Pedi-lhe alguns e, fazendo como ele, fui vendendo, e com tanta facilidade, que não me ficou um só. Ele, então, ficou de arranjar-me maior quantidade para hoje e não mentiu.”

“Passei o dia todo vendendo jornais, primeiro os da manhã, depois os da tarde; e à noite o Vicente convidou-me para acompanhá-lo até a porta do Liceu, onde aprende, e onde quero que mamãe me faça entrar, para que eu não ande a pedir aos outros que me ensinem a apregoar as notícias dos jornais. Hoje ganhei mais do que ontem: e estou contente, mamãe, porque ninguém me tomou por vadio.”

“Quando eu for mais forte, irei para uma fábrica, e tu não terás necessidades, nem ninguém me falará mais com o desprezo com que me falou o velho que me julgou tão mal...”

A paralítica, com os olhos rasos d’água, tomou a cabecinha loura do filho junto ao colo, e, beijando-a, disse comovidamente:

— Fizeste bem, meu filho; fizeste bem: a humilhação é a pior das afrontas. Fizeste bem, meu filho, e eu te abençôo.

## 8. O Recruta

Olavo Bilac

Era um rapaz de vinte e dois anos, criado à solta, no campo. Desde pequenino, habituara-se à vida ao ar livre. Mal rompia a aurora, já ele andava, ao sol e à chuva, descalço, pulando e correndo, como cabrito montês. Aos oito anos, já montava em pelo os cavalos mais bravos. Com essa existência de exercícios fortes, fizera-se um colosso. Tinha a face corada, os cabelos negros e duros, uma musculatura possante, espáduas largas, pulso de abater um touro com um soco.

Não aprendera a ler. Fora criado para, de enxada em punho, lutar com a terra, para lidar com os bois, para arcar com os trabalhos fortes da lavoura. Nada tinha de seu. O pai, ao morrer, deixara-lhe, como única herança, a saúde, a força e uma enxada. E era com isso que ele vivia, indo de roça em roça, à procura de emprego. E empregos nunca lhe faltavam, porque não havia, em toda aquela redondeza, quem com mais justiça ganhasse o pão de cada dia. Era sempre o primeiro a sair para o trabalho, e o último a recolher.

Nunca ninguém o vira triste. Com o grande chapéu desabado, atirado para a nuca, ou estivesse curvado sobre a terra cavando-a, ou pela estrada, ao sol ardente, viesse, de aguilhada em punho, guiando os bois morosos, — o Anselmo cantava sempre, com a sua larga voz alegre, que animava os companheiros, e tornava mais leve a canseira da tarefa. Os velhos, quando o viam passar, perguntavam sempre: “Como vai essa mocidade, Anselmo?” E não havia quem não o amasse.

Também, não tinha dinheiro junto. O que ganhava gastava. Ninguém como ele sabia, nas noites de festa, tirar da viola as modinhas ternas. E era feliz, sem ambições, contentando-se com tão pouco.

Quando chegou ao sertão a notícia da guerra do Paraguai, o terror ganhou toda aquela gente simples, para quem o mundo se limitava àquelas léguas de terra, de cujos limites nunca havia saído. O recrutamento! — falava-se nisso, como na morte, com espanto e medo.

Dizia-se que ninguém seria recrutado. Mas a alma desconfiada do *caipira* bem adivinhava que essa declaração das autoridades era uma astúcia... Soube-se um dia que chegara ao lugar um destacamento de soldados, comandados por um cabo. Houve quem fugisse. Anselmo não fugiu. Mas quando se viu recrutado, um desespero terrível lhe encheu o coração.

Não era covarde! Muitas e muitas vezes ele, sozinho, lutara contra dois e três... nas brigas de arraial, nunca fugira das facas, que alumiam na escuridão. Não sabia de perigo que o amedrontasse. E costumava dizer que só tinha medo de si mesmo, daquele gênio arrebatado, que não aturava afrontas. Não era covarde, não: o que o desesperava era o abandono forçado daquela existência, em que nascera e crescera, o apartamento daqueles lugares amados, daquele trabalho que era um hábito velho, daquela gente toda que era a sua família, a sua gente, o seu povo. Para a sua alma inculta e primitiva de filho da roça, a Pátria não era o Brasil: era o pedaço de terra que ele regava com o suor de seu rosto. Fora daquilo não havia mais nada. Que tinha ele com o resto do mundo? Por que havia ele de vestir uma farda, e ir morrer abandonado e desconhecido, sem uma amizade, sem uma simpatia, numa terra estrangeira, por causa de gente que nunca vira, por causa de questões que não entendia e que não eram suas?

Nunca saíra do seu sertão. Aos vinte e dois anos, ainda não imaginava o que seria o mar. Se os paraguaios viessem até suas roças, então sim: ele e os outros saberiam repelir os invasores; seria o seu dever, a defesa do seu ganha-pão, do seu trabalho, dos seus hábitos. Mas, ir defender a Corte, ir defender o Sul, ir defender o Imperador!... que tinha ele com tudo isso?

Todas essas reflexões lhe passavam pela cabeça, à noite, recolhido, com uma dúzia de outros, à cadeia do lugar, como se fosse um criminoso... e já, antes de partir, tinha saudades daquele céu querido, daqueles matos tão conhecidos, daquela gente com quem se criara. E tinha medo, — tinha medo, ele tão

valente! — de morrer crivado de balas paraguaias, longe dos seus... depois, ao seu caráter independente, à sua alma livre repugnava a escravidão da vida militar. Não ter vontade própria, ser governado com uma máquina, caminhar para a morte ao simples aceno de um chefe, sem ver a utilidade desse sacrifício, — tudo lhe parecia uma grande desgraça e uma terrível injustiça.

No dia seguinte os recrutas seguiram para o Rio de Janeiro. Havia pressa. A guerra ia acesa ao Sul, e o Brasil precisava das vidas de todos os seus filhos. Os companheiros de Anselmo iam, como ele, com a alma enlutada de tristeza. Também como ele, não compreendiam a violência do recrutamento, nem reconheciam à Pátria o direito de assim se apoderar da sua mocidade, para a atirar aos horrores do campo de batalha.

Triste viagem! Alguns, homens feitos, robustos e valentes, choravam como crianças. A gente do lugar assistiu à partida.

Havia mães que amaldiçoavam a guerra, gritando, torcendo os braços desesperadamente. Havia noivas que desmaiavam. Quantos daqueles voltariam?...

A chegada ao Rio de Janeiro foi uma tortura. Os recrutas estavam tontos, com aquele barulho, com aquele movimento. Como estava longe a tranqüilidade da vida rústica! E que rigor, e que tormento no quartel! Na primeira noite, quando se viu, já fardado, estendido sobre a dura tábua da tarimba, Anselmo teve uma revolta.

Sentiu desejos de fugir dali, ainda que para isso fosse preciso matar alguém. Agitava-se, sacudia-se, mordida os pulsos, afogava na garganta os gritos de cólera e as imprecações. Por fim, essa crise terminou por um choro convulsivo. Dormiu, cansado: e ainda era noite escura, quando o acordou um toque de clarim. Era a hora do primeiro exercício.

Começou então a sua aprendizagem militar. O oficial inferior, que comandava as manobras, era brutal. A sua voz tinha asperezas que ofendiam como bofetadas. Quando um dos recrutas errava, dizia-lhe palavras duras, insultos pesados. Uma vez, como Anselmo não o ouvisse, porque estava pensando na sua roça tão calma e tão bonita a essa hora de sol ardente, o oficial deu-lhe no peito, com a folha da espada, uma pranchada forte. O rapaz sentiu o sangue subir à cabeça. Mas a infelicidade já o tornara submisso. Conteve-se, e obedeceu.

Já no terceiro dia, porém, sentiu-se mais resignado com a sua sorte. Familiarizara-se com os exercícios. Já se ia habitando ao rigor da disciplina. Já se interessava pelas manobras. Já prestava atenção às vozes de comando. Já ia compreendendo que, sem a brutalidade do comandante, nada se poderia conseguir de homens como ele, que nunca tinham visto aquilo, e cuja inteligência era refratária à compreensão daquelas palavras e daqueles movimentos calculados.

Depois, no quartel, começou a conviver com os soldados antigos. Tomou parte nas conversas, que se tratavam no “corpo da guarda”. E principiou a operar-se no seu espírito uma transformação radical. A convivência fazia-o sentir por aqueles homens um afeto de irmão. E tanto ouvia amaldiçoar os paraguaios, que principiou a amaldiçoá-los também, odiando-os de longe. Via agora bem o engano em que estava, quando acreditava que a Pátria era o seu sertão, e nada mais. Aqui, tão longe do sertão, vinha achar o mesmo céu, a mesma língua, quase os mesmos costumes. Em torno dele, só se falava na guerra. Lopes era odiado. Lopes aparecia aos seus olhos como um monstro, cuja única ocupação era matar e torturar os brasileiros. E um dia, Anselmo surpreendeu-se a dizer, com os olhos brilhantes de ódio: “Ah! Quando chegará o dia de irmos dar cabo daquele malvado!...”

O dia chegou. O seu batalhão ia partir. Dia de sol. Ninguém reconheceria naquele esbelto moço que ali ia, marchando com garbo entre os outros, o bisonho caipira, que tanta repugnância tinha outrora pelas coisas da guerra.

Anselmo marchava. E, ao compasso da marcha, ia cantando baixinho, entre dentes, uma daquelas mesmas alegres modinhas da roça, que a sua voz soltava na imensa extensão dos campos, quando, curvado sobre a terra, a cavava, ou quando, pela estrada ao sol ardente, vinha, com a agulhada ao

ombro, guiando os bois morosos.

As ruas estavam cheias de povo. Das janelas, senhoras acenavam com os lenços. Uma banda de música precedia o batalhão. Tocava uma marcha de guerra. Os instrumentos de metal giravam alto, entre as pancadas secas dos tambores. Que sol! Que entusiasmo! Anselmo tremia. Parecia-lhe que o inimigo estava ali perto, ao alcance da sua espingarda: parecia-lhe que ia encontrar, ao dobrar uma esquina, os exércitos paraguaios. E ambicionava cair imediatamente em pleno combate.

No cais, a multidão abria alas. E quando o batalhão estacou, quando se calou a música, o povo prorompeu em vivas. À espera, perfilados, muitos oficiais, cujas fardas, cobertas de galões, brilhavam ao sol, examinavam a tropa disciplinada, bem disposta, garbosa no seu fardamento novo. De repente, a música tocou os primeiros compassos do hino nacional. Um vento brando, vindo do mar, agitou a bandeira brasileira, que estava no centro do pelotão. A bandeira desdobrou-se, palpitou no ar, espalmada, com um meneio triunfal. Parecia que o símbolo da Pátria abençoava os filhos que iam partir, para defendê-la.

E, então, ali, a idéia sagrada da Pátria se apresentou, nítida e bela, diante da alma de Anselmo. E ele, compreendendo enfim que a sua vida valia menos que a honra da sua nação, pediu a Deus, com os olhos cheios de lágrimas, que o fizesse um dia morrer gloriosamente, abraçado às dobras daquela formosa bandeira, toda verde e dourada, verde como os campos, dourada como as madrugadas da sua terra.

# 9. O Velho Rei

Olavo Bilac

Houve, em tempos que já vão longe, um rei poderoso, senhor de muitos povos e de muitas léguas de terra. Ainda que viajasse sem cessar por muitos anos a fio, não conseguia ele correr todos os seus domínios. E todos os povos o temiam, porque era conhecida de todo o mundo a fama das suas riquezas. De mês a mês, chegavam a seu palácio os emissários dos súditos, trazendo-lhe, com as homenagens deles, os presentes riquíssimos: marfim e pérolas, ouro e diamantes, sedas e rebanhos. E os seus celeiros estavam tão abundantemente providos de grãos, que ele poderia, numa época de fome geral, abri-los a todos os seus vassallos, que não tinham conta, alimentando-os fartamente durante todo um ano.

Esse poder sem limites e essa riqueza sem termo haviam embriagado a alma do velho rei. Já não se suponha homem, mas Deus. Tanta gente via, a seus pés, adorando-o, que o seu coração se habituara a desprezar a humanidade, imaginando que ela só fora feita para o servir e temer. Só se lembrava dos súditos para os oprimir. Aumentava impostos e alargava as prisões. E a sua mão direita, que tanta gente podia fazer feliz, distribuindo esmolas e bênçãos, somente servia para assinar sentenças de morte. Condenava à pena última cem homens, sem ler ao menos os seus nomes. E, se os lia, esquecia-os dali a um minuto, para só pensar na febre de festas e de loucuras, em que empregava as noites e dias, e em que perdia a saúde e a alma.

E sucediam-se as festas. Do escurecer ao alvorecer, o seu palácio, imenso como uma cidade, suntuoso como um templo, resplandecente de luzes como um céu estrelado, ecoava o barulho das danças, da música e do tinir dos copos.

Um dia, no esplêndido terraço em que costumava dormir a sesta, o velho rei tinha diante de si uma lista de acusados. Não sabia nem queria saber quem eram, se eram inocentes ou criminosos, se tinham cometido alguma falta, ou se eram apenas homens ricos, cuja fortuna os seus ministros cobiçavam. E preparava-se para, com indiferença, assinar a lista, quando se deteve a olhar um momento o filho mais moço que brincava junto dele.

Era um príncipezinho louro e branco, de olhos azuis e inocentes como os de um anjo. Ajoelhado sobre o mosaico precioso, que ladrilhava o terraço, estava inclinado para um aquário, e divertia-se vendo dentro dele os peixes dourados que nadavam. O velho rei, com um sorriso que lhe iluminava as barbas, ficou mirando com amor a criança, tão bela e tão casta, filha do seu sangue e da sua alma. E tinha, esquecido na mão, a pena fatal, de cujo bico pendia a vida de tantos homens...

De repente, o príncipezinho teve uma exclamação aflita. O rei viu-o curvar-se mais sobre o aquário, e meter na água as mãozinhas ansiosas. E a criança veio para ele, segurando, com as pontas dos dedos, alguma coisa que se não via, de tão pequena que era.

— Olha, pai! Salvei-a! Ia afogar-se... salvei-a!

O velho rei curvou-se para ver o que o filho trazia na mão. Era uma mosca feia, negra, pequenina, miserável,nojenta. Tinha as asas molhadas e não podia voar. O príncipezinho colocou-a na palma da mão microscópica, e virou-se para o lado do sol. Daí a pouco, a mosca reanimou-se, e voou. A criança batia palmas:

— Não fiz bem, pai? Não é um crime deixar morrer uma criatura qualquer, por falta de piedade, pai? Disseram-me que há homens que se matam uns aos outros... pai? Como é que se pode ter a maldade de matar um homem?

E o príncipezinho fixava no velho rei os seus olhos, azuis e inocentes como os de um anjo.

Nessa tarde, o velho rei não assinou nenhuma sentença de morte.



# 10. O mentiroso

Coelho Netto

Podia jurar! Riam-se dele. Mentia tanto, que ninguém dava crédito ao que dizia. Às vezes queixava-se de moléstias: e, longe de o tratarem carinhosamente, repreendiam-no, ameaçavam-no, quando não lhe dobravam os exercícios de escrita; e, pobrezinho! Muitas e muitas noites, ardendo em febre, debruçado á carteira, copiava compridas descrições, — e tudo porque mentia. Os mesmos companheiros repeliam-no quando ele aparecia contando um fato:

— Ora, sai daqui, mentiroso! Pensas, então, que sou tolos?

Uma manhã desceu ao rio em companhia de outro Chovera abundantemente dias antes, e o rio assoberbado, transbordara.

Os dois meninos hesitaram algum tempo antes de tirar as roupas; o mais velho, porém, nadador intrépido, acoroçou André, o mentiroso:

— Vamos, a correnteza é insignificante e não precisamos ir para o meio do rio. Vamos!

Animado, André atirou-se ao rio; a correnteza, porém, começou a arrastá-lo, de sorte que, quando ele quis tomar pé, a água cobriu-lhe a cabeça. O outro boiava cantarolando.

De repente ouviu um grito angustiada: — Ai! — Voltou-se, e, não vendo André, teve um sobressalto; logo, porém, considerando, sorriu: — Pois sim! Pensas que me enganas! — E continuou a nadar tranqüilamente. Mas André não aparecia: o menino ganhou a margem, lançou os olhos para os cantos, desconfiando de que o companheiro se houvesse escondido em alguma moita para assustá-lo; vendo, porém, que não aparecia, correu aterrado para o colégio, levando a tristíssima notícia. Desceram criados, e, atirando-se ao rio, procuraram o pequeno que as águas haviam arrebatado. E o companheiro, em pranto, repetia com sentimento:

— Eu bem ouvi o seu grito, bem ouvi, mas ele mentia tanto...

Dias depois, apareceu coberto de ervas e horrivelmente deformado o cadáver do pequeno André; e o companheiro, vendo-o, soluçou ainda: — Coitado! Mas foi por culpa dele. Mentia tanto!

# 11. A Defesa

Olavo Bilac

Nesse tempo, já a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro tinha uma população de duas mil e quinhentas almas.

Lançara Estácio de Sá os seus fundamentos em 1565, junto do Pão de Açúcar. Transferira-a Mem de Sá para o morro do Castelo, e foi daí que, pouco a pouco, a futura capital do Brasil começou descer, ganhando terreno, alargando-se cada vez mais, povoando-se. Os Tamoios e os franceses não lhe pouparam ataques. O primeiros, senhores antigos da costa, protestavam com armas na mão contra a gente branca, que assim tomava conta do seu território, expelindo-os dele. Os segundos viam bem que proveito resultaria para a França da ocupação dessas fertilíssimas terras, cuja posse já dava tanta glória e tanto lucro a Portugal. E a guarnição da cidade tinha resistido heroicamente a esses ataques. E até o seu fundador, Estácio de Sá, lhe dera o sangue e a vida, expirando em defesa dela, ferido do rosto por uma flecha.

Em 1710, era o Rio de Janeiro uma grande cidade, próspera e invejada. Em torno dela, a lavoura se desenvolvia. Dentro, desenvolvia-se o comércio. E sua população laboriosa e pacífica, avessa aos exercícios de guerra, vivia descuidada e feliz. A guarnição era pequena. Poucos soldados, mal armados, bastavam para manter o domínio da metrópole e a autoridade do Governador. Era governador Francisco de Castro Moraes, que já por várias vezes fizera sentir ao governo português a necessidade de prover a cidade de mais sérios recursos de defesa. Mas nada se fez nesse sentido. E quando se soube que uma flotilha francesa se aproximava do Rio de Janeiro, espalhou-se, pelo povo, um terror justificado.

Não era falsa a notícia. Seis navios de guerra, comandados por Du Clerc, desembarcaram a 11 de setembro em Guaratiba uma força de mil soldados, que marcharam sem demora para o Rio de Janeiro. O governador, indeciso, perdia tempo. Nenhuma providência tinha sido tomada, e já no dia 18 a tropa francesa acampava no Engenho Novo, pronta a invadir cidade. Francisco de Castro chamou em socorro todas as povoações vizinhas. Mas ainda a sua tropa, em desordem, não se tinha movido do campo do Rosário, e já Du Clerc entrava, sem resistência. Todas as portas se fechavam. Toda a gente tremia, prevendo os horrores do saque e do morticínio. Parecia iminente a perda da gloriosa filha de Estácio de Sá. Ela que, tantas vezes, ameaçada de ruína, quando ainda fraca e pequena, pudera salvar-se, graças à bravura de seus governantes, — ia ser vergonhosamente tomada, sem uma gota de sangue, sem um protesto, por um pequeno destacamento de tropas francesas...

Pela cidade deserta, num silêncio absoluto, caminhavam os soldados de Du Clerc. O chefe, não querendo perder tempo em atacar as casas particulares, contava chegar à Alfândega sem achar quem lhe opusesse ao projeto.

E antevia a glória que para seu nome viria dessa conquista gloriosa de uma cidade rica, centro do poder português na América, — conquista levada a cabo sem perda da vida de um só de seus homens.

A expedição sabia que a guarnição portuguesa era pouca e sem recursos. Além disso, a rapidez das marchas não podia ter dado ao Governador o tempo necessário para armar e disciplinar paisanos. Mais ainda: Du Clerc imaginava que aquela população comercial e calma, preocupada apenas com os meios de ganhar dinheiro, estaria disposta a aceitar todo e qualquer domínio, contanto que lhe deixasse intacta a vida, preferindo tudo a arriscar-se aos azares de uma resistência que poderia ser duramente castigada.

Por isso, marchavam os franceses com confiança. E pareciam marchar por um cemitério, tal era a absoluta quietação das ruas que atravessavam.

Mas, quando chegaram à Rua Direita, uma alta grita de cólera e de incitamento ao combate atroou os ares. E viram, defendendo o caminho, uma multidão de moços que os esperava a pé firme. Não havia

uma farda nas suas fileiras. Todas as fardas estavam ainda no campo do Rosário, cercando o Governador, que hesitava e vacilava, sem se resolver a cortar o passo aos invasores. Os que guardavam a rua Direita eram todos moços. Quantos? Quatrocentos ou quinhentos, se tanto. Desiguais nas armas como no vestuário, tinham-se reunido à pressa, ao caso. Cada um apanhara a primeira arma que encontrara à mão. Eram quase todos estudantes. Nunca se haviam batido, não tinham disciplina; mas sabiam que iam morrer, defendendo a sua cidade, e essa certeza de um fim glorioso lhes acendia na alma uma coragem suprema. Haviam sido unidos pela voz ardente de Gurgel do Amaral, um moço também, que resolvera salvar o Rio de Janeiro, quando os encarregados de sua guarda o abandonavam à sanha do estrangeiro. E ali estavam, para morrer, sem arredar pé.

A expedição francesa parou, atônita, olhando a falange dos moços estudantes. E, antes que Du Clerc desse o sinal do ataque, já eles o atacavam, de surpresa, arrojando-se irrefletidamente. Possuíam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo, apressaram o ataque, que se fez à arma branca, com uma bravura louca a que os impelia o desespero. Os franceses mal puderam resistir ao primeiro choque. Aquela mocidade robusta e alucinada, a que o amor da Pátria dava forças sobre-humanas, combatia cega, delirante, sem cuidar de regras e leis de batalha. Os dois exércitos se misturaram; separaram-se de novo. Poucos minutos bastaram pra que, perdida a calma diante daquele assalto espantoso, vendo os seus caírem retalhados de golpes terríveis, a coluna de Du Clerc fugisse em debandada.

Então, acossados pelos estudantes vitoriosos, os invasores se encurralaram num trapiche, que havia na extremidade da rua. E, logo os vencedores estabeleceram em torno deles um sítio rigoroso.

Nesse momento, o Governador decidia-se a agir. Mas, quando chegou a sua tropa, já Du Clerc, assediado e impotente, pensava no meio de recorrer à generosidade do povo, para salvar a vida da sua gente. De fato, nessa mesma tarde, os franceses capitularam.

A mocidade do Rio de Janeiro salvara a cidade.

## 12. A Borboleta Negra

Olavo Bilac

Madrugada de domingo no campo, longe da cidade. Logo à primeira claridade do dia, saem os dois de casa, com o *Leão*, seu companheiro inseparável.

O *Leão* é quase tão alto como eles. É um enorme cão da Terra Nova, todo negro, de pelo espesso, de güela imensa. É o terror do lugar. Quando ele passa na estrada, acompanhando as duas crianças, rosnando ameaçadoramente, todos se afastam com respeito. E, assim seguidos de perto pelo *Leão*, Henrique e Leonor estão mais livres de qualquer perigo do que se estivessem guardados por todo um exército.

Amanhecer de domingo. Longe, repica o sino da capela, anunciando a segunda missa. Ainda não saiu o sol.

O vento da manhã sacode as árvores molhadas de orvalho. Nos galhos altos, trilam os pássaros. O ar está cheio do aroma forte dos matos. Passam homens cantando.

E o sino da capelinha, cujo repique tem a alegria ruidosa de uma risada de criança, continua a anunciar a missa.

Mas, Henrique e Leonor já foram à primeira missa. As duas crianças agitam no ar os seus grandes sacos de caçar borboletas. Henrique, que é quem carrega a tiracolo a bolsa em que vai o pão da merenda, sabe de um lugar em que há flores de toda espécie. Fica para lá da igreja: é uma pequena clareira dentro do mato, atapetada de uma relva fresca. Aí, onde o sol entra livremente, as borboletas voam, todo o dia, sugando o mel das flores, vibrando as asas rutilantes, azuis, vermelhas, douradas. É para lá que vão os três. *Leão* trota na frente, pesado e enorme, sacudindo a grossa cauda negra. Às vezes, volta, vem lambe as mãos das crianças, e trota de novo, alegre, com a língua pendente e as orelhas abanando.

Lá vão eles... o sol ainda não saiu. Mas, já entre as nuvens cor de fogo, no nascente, aponta uma claridade viva, que ofusca. Das árvores, caem ainda, como diamantes soltos, os pingos do sereno. E Henrique diz, tiritando:

— Como fez frio esta noite, Leonor!

E tiritando, diz Leonor:

— Coitado, coitado de quem, sendo pobre e não tendo casa, teve de passar esta noite ao relento!...

E lá vão os três.

Já passaram a igreja, muito branca, muito pobre, posta, no alto de uma ladeira íngreme. Viram, na pequenina janela, rodar o sino, cantando, cantando sempre. Viram muita gente, à porta, esperando o padre... e seguiram. De repente, Henrique para:

— É aqui! — diz ele, e aponta uma picada aberta no mato — Olha, Leonor, olha! Já uma borboleta!

Uma borboleta grande, azul, riscada de ouro, saía, dançando no ar. Leonor bate palmas:

— Que linda! Que linda!

E Henrique exclama:

— Vais ver que porção de borboletas há lá dentro, Leonor!

E vão entrar. E *Leão* adianta-se, e dá dois passos no caminho estreito e escuro, rasgado no seio da folhagem.

Mas o cão estaca. E começa a ladrar, a ladrar, a ladrar, furiosamente, perto de um embrulho que está no chão. As crianças aproximam-se, abaixam-se. É um embrulho de panos e flanelas. Alguma coisa agita-se dentro dele. E, quando o *Leão* deixa de ladrar, as crianças ouvem um gemido muito fraco, muito fraco, que sai da trouxa, toda ensopada de orvalho. Trazem-na para o meio da estrada, com cautela. Abrem-na.

O sol já saiu. Que sol! O céu, todo azul, está inundado de luz. O sino continua a repicar. Nos galhos altos os pássaros cantam.

— Jesus! É uma criança! — exclama Leonor.

É uma criança recém-nascida que está dentro do embrulho de flanela; é uma criancinha preta, vagindo de manso, de manso, com os olhinhos fechados. Leonor, sentada no chão, põe no colo a criaturinha de pele preta, e começa a embalá-la, já com a seriedade de uma mulher feita: — Coitadinha! Coitadinha!

Henrique, muito sério, está de pé. Henrique é um homem... só tem 9 anos, mas é um homem! E um homem não deve chorar... mas Henrique está chorando, olha a criancinha preta que vage de manso, no colo da irmã. O *Leão*, curvado, sem ladrar, sacudindo a cauda, com a língua pendente, está também olhando a recém-nascida, com seus grandes olhos inteligentes e carinhosos.

— Coitadinha! Coitadinha! — repete Leonor.

— Que maldade! Que maldade! — murmura Henrique.

Então Leonor tem uma idéia:

— Henrique, vamos fazer uma surpresa à mamãe! Vamos levar-lhe esta pretinha!

Henrique dá um salto de alegria:

— Vamos Leonor!

E Leonor levanta-se, acomoda no colo o embrulho de panos e flanelas. Henrique apanha os dois grandes sacos de caçar borboletas. O *Leão* solta um latido de júbilo. E lá vão os três, correndo, pela estrada inundada de sol.

Adeus, borboletas azuis, vermelhas e douradas! Adeus borboletas de todas as cores, que estão bailando no ar, sobre as flores cheirosas e doces! Podeis bailar em sossego! Aqueles dois grandes sacos de gaze, que vinham buscar-vos, voltam para a casa vazios! Deixam-vos em paz, os caçadores! Não pensa em vós Leonor, que vai correndo, correndo, segurando com cautela aquele embrulho, dentro do qual há uma criancinha preta que chora... não pensa em vós Henrique, que corre atrás dela, calado e ofegante... não pensa em vós o *Leão*, que trota na frente, rosnando, enorme e pesado, com a língua pendente e as orelhas abandonando... Podeis bailar em sossego! Hoje, Henrique não subirá, como um macaco, aos galhos altos das árvores, para apanhar os frutos e os ninhos. Hoje, Leonor, cansada de apanhar borboletas, não merendará sobre a relva. Hoje, *Leão* não dormirá a sua sesta, ao sol, nessa clareira aberta no mato...

Lá vão os três. Ainda passa muita gente que vai a missa. O sino ainda está lá, num repique festivo, chamando o povo. Passa muita gente... Mas os três não dão *bom dia* a ninguém. Vão correndo, vão correndo, porque querem fazer quanto antes uma surpresa à mamãe. E quando chegam à casa, diz Leonor:

— Devagarinho! Devagarinho!

Entram, como três ladrões. A casa está calada e quieta. A mamãe está com certeza na cozinha. Na varanda, Leonor senta-se, ajeita nos braços a criancinha, e fica a embalá-la, com a seriedade de uma mulher feita. E Henrique e o *Leão* correm para a cozinha. E, enquanto o cão salta e late, Henrique exclama:

— Mamãe! Mamãe! Venha ver uma borboleta negra que caçamos no mato!

Quando a mãe chega à varanda, para à porta, espantada. E Leonor, com a voz trêmula, pergunta:

— Não é verdade, mamãe, que não podíamos deixar morrer de fome esta coitadinha? Que mãe malvada, mamãe! Que mãe malvada, que preta malvada a que abandonou assim esta filhinha! Não é verdade que mamãe também vai ser mãe dela?

— É verdade, minha filha! — diz a mãe. — Foi Deus quem conduziu vocês... Fizeram bem! Fizeram bem! O pão da nossa pobreza há de chegar para mais um filho.

E tomou nos braços a criancinha negra, única borboleta que Henrique, Leonor e o *Leão* caçaram nesse dia.



# 13. O Pároco

(Conto de Natal)

Coelho Netto

A noite, esparzida de astros, silenciosa e morna, corria triste, sem os rumores dos outros anos, quando era vivo o venerando pároco centenário que fazia despertar a aldeia religiosa com a voz sonora do grande sino e com os repiques festivos das campanilhas.

Ia passar despercebida a grande hora da alva redentora em que Jesus nasceu. Campos desertos, choças apagadas, eiras emudecidas; apenas um ou outro camponio, saudoso do velho tempo, abria a porta da cabana para olhar os muros brancos do presbitério vazio, ou passava por entre as ramagens sob o esplendor infinito da noite constelada como o espectro errante da alegria extinta, tocando tristemente a viola.

O luar escorria pelas árvores alvo e diáfano, tornando de prata a água lisa de um lago, onde o gado descia a beber. A igreja fechada, branca, muito branca, era como uma miragem feita pela claridade do luar. Mas que diferença dos outros anos! Àquela hora as portas escancaram-se exalando o aroma santificante dos turíbulo, e o campo enchia-se com o clangor dos hinos do povo que saudava, no berço de palhas do presépio, o louro Jesus nascido, deitado, com simplicidade, entre a vaca e o jumento. Que diferença dos outros anos! Quem tivesse ouvido a palavra trêmula do velho pároco, narrando, ao fim da missa, diante do pequeno estábulo, o mistério de Belém: como nascera de Maria Sempre Virgem numa creche, para exemplo dos homens, Jesus, Rei dos reis, a Misericórdia Suprema, — teria saudades diante de tamanha tristeza.

Nos currais fechados, o gado, adivinhando a lúcida manhã, mugia profundamente. No céu puríssimo resplandecia radiosa a estrela-d'alva.

Um galo solitário cantou um quintalejo; logo outros responderam dos quintais vizinhos e de sítios distantes: e, súbito, o som profundo e grave do grande sino quebrou o silêncio melancólico da noite natalícia, e logo romperam, em bimbalhada estrídula, todas as campanilhas, justamente como nos outros anos quando era vivo o venerando pároco...

De repente abriram-se as portas das cabanas; os camponios atônitos apareceram nas soleiras em leves roupas, as cabeças nuas, com lanternas erguidas alumando a noite.

As portas da igreja, abertas de par em par, deixavam ver o interior resplandecente de luzes.

O espanto foi grande entre os rústicos, e nenhum ousou aventurar um passo, posto que os sinos continuassem a soar festivamente.

Foi um boiadeiro quem primeiro falou:

- — Deve ser alguém da vila que faz soar à missa para trazer-nos recordações do pároco, fazendo que não passe em silêncio a noite santa de Deus!

Os sinos repicavam a mais e mais, e já, em frente da igreja, havia uma esteira de luz dourada que os sírios alastravam.

— Se fôssemos? — propôs o boiadeiro.

Voltaram todos em busca dos gabões e dos cajados, e reunindo-se, com os olhos sempre fitos na igreja iluminada, foram seguindo em grupo cerrado, lentos, tímidos, parando de instante a instante, assustando-se ao mínimo ruído.

Ia à frente o boiadeiro, batendo fortemente com o cajado para animar a turba.

Longe, pelos quintais, ao frescor da madrugada, cantavam mais vivamente os galos.

De repente, um grito atroou no grupo: o boiadeiro, que ia à frente, caíra de bruço junto às escadas

da igreja, clamando. Nem um só homem atreveu-se a avançar para acudi-lo: e só quando o viram erguer-se com os braços alçados, brandindo o cajado grosseiro, foram caminhando.

— O pároco! O pároco! — bradava o boiadeiro, subindo tremulamente os degraus. E os homens, que haviam corrido, extáticos, parados, balbuciavam, com os olhos postos no altar da igreja: — O pároco que morreu! O pároco!

Começava a missa de Natal.

Junto ao altar, revestido dos hábitos religiosos, estava um velhinho pálido, inclinado sobre o livro santo, as mãos juntas, orando. À sua esquerda, fúlgido, com um esplendor sideral, um anjo de asas cerradas, ajoelhado, agitava um turíbulo; outro, à direita, todo num grande limbo de luz, acolitava.

Nada se ouvia. De vez em vez o oficiante voltava-se para abençoar os camponios, e as suas pupilas fulguravam.

A pouco e pouco foi-se enchendo o templo; havia montes de cajados à porta.

Os anjos passavam de um para o outro lado, sem tocar o solo, aereamente, num adejo sutil.

Finda a cerimônia, a benção do sacerdote caiu sobre toda as cabeças: e ele, lentamente, como nos outros anos, desceu para o meio da turba, e, flanqueado pelos anjos, fez a prédica consoladora, narrando o poema da simplicidade, paternalmente, com a palavra pausada e meiga. Por fim, passando pelos grupos, mais pálido que o luar que ainda alumiaava, ia dando a beijar a mão gelada; e viram todos o santo e venerando padre alçar os braços em ofertório; depois voltou-se, e ficou muito tempo a olhar a vila; e uma lágrima silenciosa desceu-lhe pela face branca. Ajoelhou-se, curvando a fronte, e todos imitaram-no.

Quando os camponios levantaram os olhos, os sinos tinham emudecido no campanário, e, pelas tábuas do templo, havia estrias douradas de sol. O pároco e os anjos haviam desaparecido.

Entreolharam-se os camponios; e o boiadeiro, tomando o cajado, indagou:

— De onde terá vindo? De onde terá vindo?

— Do túmulo, de certo! — disse uma velha a tremer.

— Do céu, — disse um pastorinho — não há anjos na terra.

— Mas ele chorou, — disse o boiadeiro, — e não há lágrimas no céu.

— Saudades talvez! — falou alguém no grupo.

Então o boiadeiro, fazendo o sinal da cruz, suspirou:

— Se há saudade no céu, bem triste deve ser a vida eterna!

— Bem triste! — suspiraram todos.

E o boiadeiro ajuntou:

— Bem disse ele, antes de expirar, que havia de estar sempre conosco, acompanhando-nos em nossas dores e em nossas alegrias! Bem disse ele antes de expirar...

— Sempre estará conosco protegendo-nos à nossa mesa, à beira do nosso leito, junto ao sepulcro em que ficarmos! — disse um sertanejo.

E todos, movidos pelo mesmo sentimento, levantaram para o céu os olhos agradecidos. A manhã de Jesus resplandecia.

\* \* \*

E eis porque não tem pároco a igreja de S. José do Monte: os presbitério é o céu, e o pároco é sempre o mesmo, que desce, em espírito, para abençoar as almas e as campinas

# 14. O Bandeirante

Olavo Bilac

Quando, em 1664, Fernão Dias Paes Leme se embrenhou nos sertões de Minas, raros homens civilizados haviam pisado essas regiões quase de todo desconhecidas.

Fernão Dias Paes Leme já era nesse tempo um velho. Tinha oitenta anos. Mas a idade não conseguira alquebrar o seu corpo, nem enfraquecer dentro da sua alma intrépida a coragem e a ambição.

Diziam que, no Rio S. Francisco, abundavam esmeraldas.

A terra virgem do Brasil já dava muito ouro e muitos diamantes: mas ainda ninguém arrancara do seu seio as belas e preciosas pedras verdes, que Fernão Dias Paes Leme ia procurar, arrostando todos os perigos.

Perigos de toda sorte!... As florestas estavam cheias de feras: porém, maior ainda do que a delas, era a ferocidade dos índios brutos. Além disso, nas margens dos rios, reinavam febres assassinas. Com as enchentes, as plantas apodreciam, depositadas nas lezírias, e desfaziam-se em miasmas. E tudo, — feras, selvagens e febres, — tudo conspirava contra os exploradores, defendendo a região, não deixando que a civilização dela tomasse posse.

Mas Fernão Dias Paes Leme só pensava na realização do seu grande sonho. Sonhava possuir as grandes riquezas acumuladas naquelas zonas longínquas. Passavam-lhe por diante dos olhos, quando a febre da ambição o alucinava, rios de pedras preciosas, rolando, rolando, com um brilho que cegava. Já se via senhor de montanhas de pedras verdes... E essa ambição o alimentava, abrasando-lhe o sangue, dando-lhe aos músculos um novo vigor e ao coração uma nova mocidade. Juntou um bando de companheiros decididos, e empreendeu a aventura arrojadíssima.

Eram mais de quinhentos. Quase todos já tinham explorado outras zonas de território, e estavam habituados àquela rude existência, de trabalhos sem fim, noites passadas ao relento, debaixo das grossas chuvas torrenciais, riscos sem conta, dificuldades sem número. Eram homens que essa vida tornara semi-bárbaros: convivendo com os animais ferozes e com os índios antropófagos, entendendo e falando os idiomas de várias tribos, acostumados a não temer a odiosidade dos povos indomáveis e as inclemências da natureza primitiva da América, tinham ficado corajosos como esses povos, rijos e primitivos como essa natureza. Quando a seca abrasava os matos, os bandeirantes, para mitigar a sede que os agoniava, bebiam o sangue dos animais que matavam. Comiam frutas, cascas de árvores, sapos, lagartos, cobras.

Não tinham bússola, não tinham armas aperfeiçoadas, não tinham remédios. Confiavam na sua boa estrela, e caminhavam ao acaso. Tinham de vadear torrentes, ladear pântanos, galgar serranias, atravessar florestas virgens. E a ambição e a coragem de Fernão Dias Paes Leme guiavam esses aventureiros intrépidos.

Dez anos durou a expedição. Enquanto caminhavam, de luta em luta, batalhando contra os índios, os bandeirantes iam, nos arredores do Rio S. Francisco, lançando as bases de povoações, que são hoje cidades. Ao cabo desses dez anos, outros bandos tinham vindo juntar-se aos primeiros. Oito povoações tinham nascido, com edificações, surgindo como por encanto do solo, ao simples influxo da energia soberana de Fernão Dias Paes Leme. Quantidades fabulosas de arrobas de ouro em pó e de imensos diamantes asseguravam aos aventureiros grande fortuna. E, quanto às esmeraldas que Fernão Dias buscava, apenas uma pequena quantidade delas fora colhida. E o velho chefe não se separava nunca da sacola de couro, em que guardava o precioso achado. Não era só o valor das pedras o que o fazia prezar aquela sacola: o que mais o satisfazia era o orgulho de Ter sido o primeiro a descobrir esmeraldas nas terras da América.

Mas as forças o abandonavam. Esses dez últimos anos de vida tinham alquebrado o corpo do

heróico velho. Enriquecido o seu bando de aventureiros, fixadas várias famílias nas povoações que fundara, Fernão Dias Paes Leme recolheu-se a Guaicuí, aldeia que, graças aos seus esforços, se desenvolvia e prosperava.

Aí morreu ele, serenamente, sem imaginar a glória que estava reservada para o seu nome. Antes de expirar, chamou o filho, e confiou-lhe a guarda da sacola de esmeraldas. Recomendou-lhe que tornasse ao litoral, e, em viagem para a metrópole, para lá levasse as primeiras pedras verdes fornecidas pelas jazidas do Brasil.

O filho enterrou-o, piedosamente, em plena selva, no meio daquela admirável natureza cujos segredos os seu olhar atrevido fora o primeiro a devassar. O cadáver do velho *bandeirante* repousa em lugar ignorado hoje. Ninguém sabe em que arredor de Guaicuí, perto das margens fecundas do esplêndido S. Francisco, está a ossada de Fernão Dias Paes Leme, — *o caçador de esmeraldas*. Mas, a memória dele vive perpétua nas regiões que a sua ousadia desbravou.

O filho do explorador, guardando a sacola de esmeraldas, não sabia que decepção o esperava: as pedras verdes eram simples crisólitas sem valor.

Mas o ouro e os diamantes adquiridos, durante os dez anos de expedição, lhe davam uma fortuna, capaz de consolar facilmente dessa desilusão. E, se Fernão Dias Paes Leme não teve a glória de descobrir esmeraldas no Brasil, teve em compensação a glória mais alta de ter lançado a semente da civilização nos sertões de Minas Gerais, fazendo oito cidades rebentarem de seu solo inculto.

# 15. Sumé

(Lenda dos Tamoios)

Olavo Bilac

Foi na imensa e fértil região das águas de montanhas e areias, que vem do Espírito Santo até o Rio de Janeiro, que apareceu *Sumé*, o venerando velho, pai da agricultura, cuja memória foi tão criminosamente perdida pela ingratidão dos homens.

Nessa larga faixa de terra, cujos cabos e promontórios rochosos invadem o mar, quase tocando ilhas fecundas, que verdejam ao sol, entre bancos de areia, — vivia um povo forte e valente, respeitado na paz e temido na guerra. Eram os *Tamoios*, cujas canoas guerreiras dominavam a costa, desde o cabo de S. Tomé até Angra dos Reis, guardando as aldeias, formadas de cabanas sólidas, cercadas de altas paliçadas inexpurgáveis. Quando as tribos vizinhas ousavam invadir a seu território, — o canto do *pajé* concitava os filhos da grande nação. E, ao som dos chocalhos de pedras, das buzinas de madeira, dos tambores e das flautas de taquara, — os grandes exércitos tamoios abalavam em hostes cerradas, para repelir o invasor. E a nação não descansava, enquanto os inimigos não fugiam ao valoroso embate das suas armas de gloriosas, — maças pesadas feitas de lenho de palmeira, formidáveis machados chatos de madeira vermelha, flechas agudas, arcos da altura de um homem. Mais de uma vez, assim, os Goitacazes e Goianazes tiveram de ver castigada a sua ousadia. Quando a guerra findava, toda a tribo comemorava com grande festa a vitória de seus filhos. E a música e a dança celebravam, em torno dos prisioneiros que tinham de ser comidos vivos, a derrota dos inimigos. Depois vinha de novo a livre e arriscada existência da paz, — a pesca, nas canoas ligeiras que voavam como as aves do mar à flor das águas, e a caça dentro dos matos bravos, povoados de feras.

Ora, um dia, em que uma grande multidão da tribo, à beira-mar, estava reunida, celebrando uma vitória, — viram todos que sobre o largo oceano, vinha, do lado em que o sol aponta, uma grande figura, que mais parecia de deus que de homem.

Era um grande velho, branco como a luz do dia, trazendo, espalhada no peito, como uma toalha de neve, até os pés, uma longa barba venerável, cuja ponta roçava a água do mar. E houve um grande espanto entre os Tamoios, vendo assim um homem, como eles, caminhar sem receio sobre as ondas como sobre terra firme.

Era Sumé, enviado de *Tupã*<sup>[1]</sup><sup>[2]</sup><sup>[3]</sup>, senhor do Céu e da Terra. E Sumé operava prodígios nunca vistos. Diante dele, os matos mais cerrados se abriam por si mesmos, para lhe dar passagem: a um aceno seu, acalmavam-se os ventos mais desencadeados: quando o mar furioso rugia, um simples gesto de sua mão lhe impunha obediência. A sua presença fazia abaterem as tempestades, cessarem as chuvas, abrandarem as secas. E até as feras quando o viam, vinham submissamente lambe-lhe os pés, arrastando-se, de rojo, na areia. E os Tamoios, cativos de sua bondade, conquistados pelo assombro dos seus milagres, tomaram Sumé para seu conselheiro. E todas as tardes, os chefes adiantavam-se para ele, — enquanto em roda, mulheres, homens e crianças paravam a escutar, — vinham contar-lhe a história de seu povo, e interrogá-lo sobre as suas crenças, e pedir-lhe conselhos e lições.

E diziam-lhe a sua religião:

“Tupã, para fazer o céu e a terra, criou as mães para tudo. O sol é a mãe do dia e da noite. A lua é a mãe das plantas e dos animais. Os homens nasceram, e foram maus. Tupã, para castigar a sua maldade, mandou que as águas crescessem desmedidamente e cobrisse tudo. Então, viram-se os peixes nadando entre as folhagens das árvores, e os tigres afogados boiando sobre a vastidão das ondas crescidas. E os homens fugiam de monte em monte. E o céu se abria em relâmpagos e em quedas assombrosas de água. Mas um varão forte, que Tupã amava, — um varão de alma grande, que tinha o nome de *Tamandaré*,

salvou a raça guardando dentro de uma canoa os seus filhos, e livrando-os do naufrágio espantoso. E de Tamandaré saímos nós, guerreiros que não tememos o trovejar das armas dos inimigos, quando o furor os assanha no campo de guerra, — mas que nos rojamos por terra, lembrando a antiga punição, quando ouvimos trovejar o céu, carregada de ameaças de maldição, a grande voz sagrada de Tupã, senhor e criador de todas as coisas e de todos os seres...”

Sumé amou aquela nação simples e sóbria, sem vícios e sem pecados. Louvou-lhe a bravura na guerra e a modéstia na paz. E quis torná-la feliz, ensinando-lhe o meio de viver na abundância. E ordenou que todos os homens válidos, depois de haverem abundantemente provido de caça e de pesca as cabanas, em que as mulheres e as crianças ficariam, seguissem com ele, para obrigar a terra a dar-lhes o sustento diário.

Disse-lhes Sumé: “A grande mãe é a terra: a grande mãe generosa; basta acariciá-la, basta amá-la e afagá-la, para que ela se abra logo prodigamente em toda a sorte de bens e de venturas.” Mas um pajé, velho sábio, conhecedor das coisas que o comum dos mortais ignora, observou: “Como pois, grande Santo, até hoje só tem ela tido para nós espinhos e répteis?” E Sumé respondeu: “Porque até hoje não amastes com fervor e trabalho. Cavai-a e suai sobre ele: se rasgará agradecida, não para vos engolir, mas para vos dar vidas novas. Vinde comigo e vereis!”

Seguiram-no eles. E a terra, por toda a parte, era nua e ingrata. Matagais crespos e impenetráveis subiam do seu seio. E, dentro deles, as cobras silvavam, as onças uivavam: e toda aquela natureza primitiva era inimiga do homem, inimiga sem piedade, que afiava contra ele os dentes de suas feras e as pontas agudas dos seus espinheiros. Mandou Sumé que desbastassem a terra, e tivessem, para destruir os matos fechados, a mesma bravura e o mesmo vigor que tinham para destruir as hostes dos inimigos. Ordenou-lhe depois que amanhassem o solo, e, dando-lhes sementes várias, disse-lhes que as lançassem sem conta sobre o seio da grande mãe assim preparado.

Deste modo correu Sumé todo o litoral. E atrás dele todos os homens válidos da tribo seguiam. Os dias passavam. Passavam os meses. Passavam os anos. E de sol a sol, a febre do mesmo trabalho sacudia aquela multidão, que a virtude e a bondade de um só homem arrastavam seduzida e cativa. Quando Sumé chegou à grande Angra, que fechava ao sul o domínio dos Tamoios, parou. E disse, reunindo os trabalhadores:

— É tempo de retroceder... Ides ver como a terra vos paga em abundância e ventura as bagas de suor que gastastes em seu favor!

Retrocederam. E, então, começou o deslumbramento da tribo. À medida que se aproximavam do ponto de partida, viam a terra mudada, de mais em mais, abrindo-se em folhagens que não conheciam, em frutos que nunca tinham visto. E, quando chegaram ao grande acampamento, as mulheres e as crianças dançavam e cantavam. Os celeiros da tribo regorgitavam. O céu parecia mais belo; mais belo parecia o mar; mais bela a natureza toda; porque a tribo toda via agora a natureza através dessa alegria que é a filha da felicidade. Das sementes que o Santo Sumé fornecera, tinham nascido, em touceiras imensas, s bananeiras fartas; tinham nascido os carás e as mandiocas; tinham nascido os milhos de espigas de ouro; tinham nascidos os algodoeiros, os feijões e as favas...

Sumé não achou bastante o que já tinha feito: e ensinou-lhes a arte de fabricar a farinha, moendo a mandioca: e revelou-lhes os segredos da navegação, aperfeiçoando as suas igaras rústicas, dando-lhes velas, que, como asas de pássaros, ajudassem a voar com o vento, e lemos que, como caudas de peixes, as ajudassem a cortar ondas. E toda a tribo abençoou Sumé. E em honra sua, todas as tardes, quando o pôr-do-sol ensangüentava as águas, a tribo dançava, ao bater compassado dos tambores, em torno do grande velho, — filho querido de Tupã, pai da Agricultura, Gênio protetor dos Tamoios.

Mas os anos passaram. E, com o passar dos anos, passou a gratidão da tribo.

Os pajés, ciumentos do poder do Santo, envenenaram a alma da nação: “Como? Pois ela, tão forte, que, em todo arredor, só seu grito de guerra bastava para amedrontar todas as outras nações, ficaria

sempre sob o domínio de um só homem, um estrangeiro, um homem de pele branca?”

E o rumor da maledicência crescia em torno do Santo. E, em torno dele, a rede da intriga se apertava.

E ele ouvia, e sorria. E a sua grande alma, toda sabedoria e bondade, compreendia e perdoava a ingratidão das gentes.

Uma madrugada, quando o Santo saía da sua cabana, viu formados todos os Tamoios, que vociferavam, ameaçando-o.

E todos eles estavam armados. E as fisionomias de todos eles transpiravam ódio e rancor.

O Santo Sumé quis falar. Não pôde. Uma flecha certa, partida das fileiras dos ingratos, veio cravar-se no seu peito. O Santo sorriu. E, arrancando o dardo das carnes, atirou-o ao chão, e foi andando, de costas, para o lado do mar. Então, o ataque recrudesciu. As setas voavam, às centenas, aos milhares, todas atingindo o alvo. Sumé, com o mesmo sorriso nos lábios, ia sempre caminhando de costas para o lado do mar, e, de uma em uma, ia arrancando do corpo as setas que não o magoavam.

Quando chegou à praia, entrou pela água, cresceu sobre ela, sobre ela se equilibrou, e, sempre de costas, foi fugindo, — e sorrindo, sem amaldiçoar os ingratos a quem dera fatura.

E toda a tribo, paralisada de assombro, via, oscilando de leve sobre as ondas que o nascer do sol ensangüentava, ir diminuindo, diminuindo, até sumir-se de todo na extrema do horizonte, aquela doce figura, de pele branca com o a luz do dia, trazendo espalhada sobre o peito, até os pés, como uma toalha de neve, a longa barba venerável, cuja ponta roçava a água do mar...

# 16. O Tesouro

Coelho Netto

Já sem forças para lidar nos campos com os pesados ferros da lavragem, prevendo a miséria próxima, Serapião saía todas as manhãs de casa firmado ao bordão, e vagarosamente percorria os caminhos do sítio, chegando até onde lhe permitiam as pernas fracas.

Repousava nas barrancas, à beira da água ou à sombra de alguma árvore, e ficava esquecidas horas, lembrando o tempo de sua mocidade, quando, brandindo uma foice, roçava o mato bravo, fazendo ele só a tarefa que dois homens de hoje não seriam capazes de levar a termo.

E como vivia feliz! A casa farta, a família contente, porque a terra correspondia com abundância de flores e de frutos aos cuidados do lavrador!

Agora, entretanto, as laranjeiras morriam carregadas de erva de passarinho, os cafeeiros desapareciam abafados pelo mato; nem uma raiz de mandioca, nem um pé de milho; o vassoural invadia as terras, e as cobras, sentindo o abandono, cruzavam os caminhos ou dormiam ao sol, enroscadas, à beira ao antigo açude seco.

Todavia aquelas terras podiam levar vantagem às outras da redondeza, não só por serem mais férteis, como porque nela viviam seis robustos rapazes, o mais velho contando trinta anos, o mais novo tendo apenas dezoito.

Filhos de Serapião, órfão de mãe, levavam vida ociosa, uns às portas das vendas fumando, conversando, outros em casa estirados nas redes, afinando violas, sem pena do velho pai, sem cuidados no futuro. Indolentes, para não saírem sem busca de trabalho, contentavam-se com a magra ração de farinha de milho que lhes dava uma negra, antiga escrava da família, que não quisera apartar do sertanejo.

De vez em quando, a muita instância, um saía a caçar, e, enquanto durava a carne do fumeiro, zangarreavam e dormiam.

Serapião suspirava; mas, como meigo para os filhos, não lhes dirigia uma palavra áspera, lembrava-lhes apenas a fome, nos dias futuros, o frio, as moléstias: mostrava-lhes o sapé da palhoça apodrecido, o adobe esburacado, os currais vazios, e, nos poleiros, nem um galo sequer para anunciar as madrugadas.

Eles, porém, sempre estirados, respondiam com a resignação dos fracos e preguiçosos:

— Deus é grande, meu pai...

Sucedeu, porém, uma grande seca, e todo o sertão foi lastimosamente devastado pelo sol.

Os que tinham bens acumulados puderam fazer face ao flagelo; os pobrezinhos, porém, esses caminhavam noite e dia pelas estradas secas e poentas, batendo os matos, chafurdando nos pântanos lodosos em busca de frutos e raízes. Tudo, porém, o sol devastador levava. Os pássaros eram raros, e no campo nem uma preá saltava á vista do caçador faminto. O gado, sedento, mugia angustiadamente; e à noite, nos casebres, juntavam-se os bandos de infelizes rezando, em coro alfite, ladainhas de misericórdia. Serapião e os filhos sofreram como os mais desgraçados.

Porque nada possuíam, nada lhe fiavam; de sorte que, enquanto duraram os dias tremendos, os infelizes erraram pelas trilhas, catando ervas, procurando raízes. Às vezes caíam exaustos na poeira das estradas, gemendo, de fadiga e de fome; e emagreceram tanto, que os ossos apareciam a flor da pele.

O velho sofria calado, e menos tormento lhe causava a fome do que a miséria em que viviam os filhos desalentados, pedindo a morte, preferível a tão duro e longo sofrimento. Afortunadamente, chegaram as águas benditas.

Chuvas torrenciais alagaram os campos, e com tal abundância, que os rios, assoberbados,

espraiaram; e as terras, fecundadas, entraram a produzir fazendo brotar a sementeira, explodindo em verdura. No sítio, porém, só a erva brava ganhou com as grandes águas: dilataram-se os vassourais, o sapé alastrou abundantemente, e, como aparecessem aves e das tocas saíssem ariscamente as pacas, os rapazes, esquecidos do flagelo, voltaram à vida preguiçosa, buscando os alpendres das vendas, ou estirando-se nas esteiras, na varanda da palhoça esboroadada pelo tempo.

Serapião, porém, quis incitá-los ao trabalho, lembrando-lhes o que haviam sofrido durante o mês árido de soalheira e penúria; mas como d'antes, todos, a uma, responderam-lhe: — “Deus é grande!” — E um deles desleixadamente ajuntou: — “E para que nos havemos de estafar, se nunca chegaremos a ser ricos? Os que menos trabalham são justamente os mais favorecidos. Se alguma coisa nos tiver de vir às mãos, não é preciso que a vamos procurar: a porta está sempre escancarada, entra por ela o sol, entra por ela a noite; a fortuna pode entrar também..”

Ouvindo palavras tais, o velho ergue-se lentamente, tomou o cajado e partiu: era ao cair da tarde, os juritis gemiam. A noite veio: a preta, para afugentar os morcegos, fez um fogo de gravetos; e, em torno da chama, acorados, reuniram-se os rapazes, até que um deles, o mais moço, vendo a lua alta no céu, e dando pela ausência do pai, perguntou: — Que é feito de nosso pai? Que andarás fazendo, a horas tais, lá fora, ao relento da noite fria?

E outro, com um frêmito pressagio, disse, baixinho e a medo: — Quem sabe se não lhe sucedeu algum desastre? É tão velho, mal vê e anda com tanta dificuldade... Quem sabe se não rolou de alguma ribanceira?

Ficaram algum tempo silenciosos, os olhos fitos na lenha que crepitava; um deles, porém, o mais velho, ergueu-se resolutamente; e foi mais forte do que a preguiça o amor no coração do moço:

— Vamos! Não podemos ficar aqui agasalhados quando o nosso velho pai treme de frio, e geme, talvez, estropiado no fundo de alguma gruta. Vamos! — E todos, levantando-se, travaram dos cajados e disseram: — Vamos!

Saíram. A noite, de um esplêndido luar, era luminosa e pura: as estrelas alvas branqueavam por entre a verdura e as árvores pareciam galvanizadas de prata.

Grande era o silêncio, apenas interrompido aqui e ali pelo trilar dos grilos e pelo chiro de algum pássaro aninhado; longe rolavam águas com um perene murmúrio.

Eles seguiam, ora pelos pedrouços dos caminhos, ora mergulhados no sapezal ondulante, bradando sempre: — Meu pai! — o eco, apenas, respondia.

Já os rapazes faziam estranhas e terríveis conjecturas acerca do velho sertanejo, quando um deles que se avantajara em passos gritou de longe:

— Aqui! Aqui! — correram todos para o sítio de onde saíra a voz, e lá, com alvoroço, foram encontrar Serapião sentado sob a galhada protetora de uma veneranda mangueira, sorrindo contente.

Os rapazes, reunindo-se em círculo, puseram-se a falar da imprudência do pai, e levantaram-no carinhosamente, insistindo com ele para que os acompanhasse à casa.

Serapião, porém, sorrindo sempre, apenas dizia, num grande contentamento: — Ah! Se vocês soubessem... se vocês soubesse! — Os rapazes, intrigados com as palavras do velho, cercavam-no, perguntando: — Mas que é? Mas que é? Por que não dizes? Que segredos podes ter para seus filhos?

— Deus me dê forças para guardá-lo sempre! Para que hei de contar-vos tal segredo: Não haverá amanhã um homem que o não conheça, e quando o conhecerem os homens... pobre de mim! Se eu vos julgasse capaz de guardá-lo, decerto que a outros não o confiaria, — mas de que me servirá saberdes o que me disse a *Iara*<sup>[iv]</sup>[i]?

Ouvindo isso, os rapazes arremeteram curiosamente, e, apertando o velho, interrogavam-no curiosos:

— Iara! E tu falaste a uma Iara, pai? A uma Iara, pai?

— Sim, — disse o velho com fingida tristeza, — já que me escapou parte segredo, sabeí que aqui,

debaixo desta mangueira velha, veio ter comigo uma iara do rio.

— Uma iara do rio!...

— Uma iara do rio. Toda nua, tinha apenas para cobrir-lhe o colo os cabelos, verde como o limo das pedras; era branca como a espuma das cachoeiras, e os olhos, tinham mais brilho que a estrela d'alva...

— Tu sonhaste, pai! — disse o mais moço dos filhos.

— Por Deus, que não sonhei! Vi uma iara do rio, afirmo e juro. Ainda podeis ver o caminho úmido, da água que gotejava dos seus cabelos verdes.

— Sim! Estão úmidos os caminhos, porque o relento da noite os umedece.

— Por Deus! Estão úmidos das gotas que rolaram dos cabelos verdes da iara. E mais: não vos fica bem essa dúvida, meus filhos, quando é vosso pai quem vos fala. Já vos menti alguma vez?

— Nunca! — disseram todos.

— Então chegai-vos bem para mim, bem perto; que eu vos fale, mas que o vento da noite não leve além uma só das palavras que eu vos disser, uma só das palavras que me disse a iara. Chegai-vos bem para mim, bem perto!

E os rapazes apertaram-se em volta de Serapião. — Agora, — continuou o bom velho, — jurai por Deus que nem uma só das palavras que ides ouvir passará dos vossos lábios para os ouvidos de outrem.

— Juramos!

— Prestai atenção, para que eu não me canse de repetir-vos. Esta terra que o céu alumia, — disse com mistério o velho — esta terra que nós pisamos guarda um valiosíssimo tesouro. Quem o escondeu foi o velho *pajé* de uma tribo forte, quando a nossa terra foi invadida pelos descobridores. Escondeu-o e partiu, internando-se nas selvas não desbravadas, certo, porém, de que não fora visto enquanto cavava o esconderijo para o seu tesouro. Se homem não havia a espreita, — a iara, por entre as tábuas, espiava, e conhece o sítio em que se conserva a riqueza maravilhosa.

— E te disse? E indicou-o, meu pai? — acudiram todos os rapazes com ambição.

O velho, porém, moderando as palavras, continuou: — Não, mas prometeu fazê-lo no dia em que os cafeeiros, em vez de flores de prata, desabrochassem flores de ouro.

Os rapazes entreolharam-se pasmados.

— Vejo que não acreditais nas minhas palavras, filhos; é natural: eu, mais velho do que vós, também sorri da expressão da iara, e foi preciso que ela, para que eu acreditasse me dissesse: — Velho, nada é impossível! Para que os cafeeiros, em vez de flores alvas que costumam tocar sua rama, dêem flores da cor do ouro basta que os não esqueçais, que os não deixais abafados pela erva perniciosa; basta que se lhes chegue a terra, que se lhes dê o adubo, que se lhes faça a limpeza em redor do tronco, a fim de que os aqueça o sol e as chuvas se entranharem até as suas raízes; isto feito, em pouco vereis os cafeeiros dourados, e, nesse dia, eu virei mostrar-vos o sítio onde o pajé guardou, numa enorme igaçaba, o tesouro da tribo!

Os rapazes, entendendo-se com os olhos, suspiraram, e um deles, oferecendo arrimo ao pobre velho, disse-lhe:

— Vamos, meu pai. Faz frio, a noite vai alta e em casa arde um lume que vos há de fazer bem!

E caminharam vagarosos através dos campos iluminados pelo luar silencioso.

Ao amanhecer, porém, os rapazes, despertando, viram deserto o catre do velho pai, e logo, tomados de apreensões, ergueram-se:

— Onde terá ido tão cedo? Que terá ido fazer?

— É a loucura d'velhice que assim o faz andar desatinadamente, — respondeu o mais velho à pergunta do mais moço.

— Melhor é que o vamos buscar ao campo e que o tenhamos sempre junto de nós, vigiado como uma criança.

— Sim, vamos buscá-lo ao campo.

E foram. Não andaram muito, porque logo ouviram a voz de Serapião que cantava, e a pancada seca de uma enxada batendo a terra.

— Trabalha! — exclamou maravilhado um dos rapazes.

— Trabalha! disseram todos; e embrenharam-se.

Efetivamente o velho trabalhava, capinando, eito acima, uma rua de café.

O suor escorria-lhe da frente, onde os cabelos formavam pastas, o suor pingava-lhe da barba; e o peito, que a camisa entreaberta desnudava, reluzia úmido. Vendo-o, os filhos bradaram:

— Oh! Que fazes aí, pai?

O velho risonho, com os pequeninos olhos iluminados de um fulgor estranho, voltou-se esfregando as mãos, com o cabo da enxada encostado ao peito:

— Que faço? Pois não vedes? Luto, a ver se consigo despir dos matos e das parasitas os cafeeiros para que se cumpra a promessa da iara do rio. Ao menos morrerei tranqüilo, se vos deixar o necessário para que não tenhais uma velhice triste como a que eu arrasto!

— E tu, só, queres dar cabo de tanto?

— Eu só, já que me deixais só. Mais depressa viria o tesouro às nossas mãos, se fôssemos todos a trabalhar; mais depressa viria a fartura e a paz; assim virá mais vagarosamente, mas que me dê forças o Senhor e saúde, e eu não dormirei contente enquanto não tiver da iara o melhor da promessa.

Ouvindo-o falar assim, com tão segura convicção, um dos rapazes disse ao outro, em segredo:

— Quem sabe se o que julgamos alucinação de velhice não é verdade? Não é mais prudente nem mais avisado do que ele o mais notável dos nossos homens conterrâneos; ninguém o apanhou jamais em falsidade; todos lhe pedem conselhos, todos o querem ouvir; e tal não aconteceria, se lhe percebessem desatinos, vindos da razão enfraquecida. Quem sabe se não é verdade?

— Sim, quem sabe?

— Falam tanto de encantamentos! Melhor seria tentarmos. Juntos, em pouco tempo, daremos conta da tarefa, e talvez apareçam nos cafeeiros as anunciadas flores de ouro. E que regalo, se encontrarmos a riqueza da tribo!

— Melhor do que o fazendeiro mais rico...

— Muito melhor, por certo!

Já o velho tornara à terra, cantando, quando os rapazes, concertados, desceram à casa, rebuscando entre os ferros esquecidos os melhores; e tomando deles, meteram-se pelos matos densos. À tarde caía o crepúsculo nevoento, e o velho descia a caminho da casa, quando viu, com alegre surpresa, os filhos em turma, trabalhando. Deteve-se; e a emoção foi tão forte em sua alma, que as lágrimas saltavam violentas dos olhos do sertanejo; e quem por perto dele passasse ouviria o que disse comovidamente: —“Bendita iara! Bendita iara!” E foi-se cantarolando, risonho e feliz, com a enxada no ombro.

No dia seguinte, ao luzir d'alva, Serapião erguia-se do catre, quando o mais velho dos filhos procurou-o:

— Fica! — lhe disse; — não é preciso que venhas ao campo. Se for verdade o que te disse a iara, dentro em pouco verás limpos de toda a erva os cafeeiros. Somos mais robustos do que tu; fica e descansa.

E o velho disse:

— Ide, e que Deus abençoe o vosso trabalho; eu fico, e para que a inércia não me amolente o corpo e o espírito, trazendo a preguiça e os pensamentos tristes, vou distrair-me reparando os estragos que o tempo tem feito na cabana que nos abriga. De volta, à tarde, trouxe o sapé para substituir o colmo que mal nos resguarda das chuvas e eu mesmo cobrirei a cabana. É justo que quem trabalha durma tranqüilamente, sem que as goteiras o façam andar com o leito dum para outro sítio. Ide! E que Deus abençoe o vosso trabalho!

E os rapazes partiram.

O velho ficou, e, conforme a promessa que fizera, pôs-se a retocar os muros abertos em frinchas; e á noite, quando os filhos entraram, mostrou-lhes o trabalho que havia feito, e eles entregaram-lhe os feixes de sapé que haviam cortado.; e sentaram-se à mesa, comendo com apetite e satisfação. O velho, sempre ao fim do repasto, dizia à maneira de oração: “A iara deve estar satisfeita; dentro em pouco terá perdido o seu encanto”.

E assim passou o ano.

Os rapazes, por vezes, desanimavam; mas sempre havia um, mais ambicioso, que acoroçoava os outros:

— Que! Pois agora que vai em tão bom seguimento o trabalho, é que vocês querem deixá-lo? Vamos! Quem sabe se já não estão abotoando as flores de ouro?

E, assim excitados, tornavam todos à terra.

E veio o tempo das colheitas.

O milho e as canas faziam um extenso mar dourado, ao sol; os arrozais alastravam os alagadiços com um fino tapete de veludo verde; o mandiocal cobria com a sua rama as encostas outrora secas; o feijão, enroscando-se nos pés de milho, subia tanto, que se confundia com as espigas louras; e tudo prometia uma colheita abundante.

Os rapazes suspiravam: “Estavam carregados de flores os cafeeiros... ah! Mas não eram de ouro as flores. De que lhes serviria tanto esforço, ao sol?”

— Perseverança, meus filhos! Perseverança! — as flores de ouro hão de vir, as iaras não mentem. Vamos tratar de recolher os primeiros presentes da terra. E começaram a colher; mas eram em tal abundância os produtos, que os rapazes tiveram necessidade de recorrer aos vizinhos, alugando carros e gado para transportar os frutos; e, como todos viam a prosperidade do sítio, ninguém recusou o que pediam os rapazes, e mais ainda lhes ofereciam.

Gente supersticiosa, porque desconhecia o caso do tesouro, começou a murmurar: — que ali andava a mão do diabo! Terras, ontem tomadas pelo mato, como podiam estar assim tão florescentes?

E fugiam do sítio os supersticiosos, inventando lendas tenebrosas.

Vendida grande parte da colheita, com o produto os rapazes desceram à feira, e comprando gado, aves, e novos instrumentos; sortiram a despensa, encheram os paióis, e tiveram abundância e alegria. O velho, contente, saía a tarde para o terreiro, e chorava lágrimas de alegria, vendo que se ia lentamente realizando a promessa da *mãe d'água*. Já se ouvia o mugido dos bois nos campos dantes tão silenciosos; e todas as manhãs, a preta saía com uma grande malga para ordenhar as vacas; as ovelhas balavam, galinhas cacarejavam; nas cevas, grandes porcos roncavam, e já as manhãs não passavam sem o canto alegre dos galos: agora eram seis a cantar no poleiro.

Mais outro ano passou, mais farto do que o primeiro; os filhos, porém, apesar de verem as árvores vergadas ao peso dos frutos, suspiravam: “por que não vinham aos cafezais as flores de ouro?!”

— “Perseverança, meus filhos; perseverança! dizia o velho. — As flores de ouro hão de vir, as iaras não mentem”.

— E recolhia à grande arca o que os filhos traziam do mercado, onde haviam ido vender os produtos do sítio.

Seis anos depois, já os rapazes tinham desesperado da promessa da iara; mas, como se haviam habituado ao trabalho, saíam todas as manhãs para os campos que eram então os mais belos e os mais férteis da redondeza. O velho enfermou gravemente, sendo levado em braços para o leito.

Os filhos, tristes, cercavam-no; e já a vista se lhe turbava, quando ele acenou tremulamente, chamando para bem perto todos os rapazes, e, sentindo-os junto ao leito, disse:

— Meus filhos, já agora posso falar, dizendo-vos o melhor segredo da iara. Habitaste-vos ao trabalho, e certo estou de que o não trocareis mais nunca pela vida inerte que leváveis. A alegria está

conosco, temos a abundância e a paz, nada nos falta. Já não mendigamos o pão com que nos alimentamos, nem a lã com que nos cobrimos; o vento já não zumba nos quartos da cabana de muros brancos; lá fora o gado procria; já não basta um curral para conter as crias que vão nascendo; as árvores estão carregadas de frutos, e já não andais descalços nem cobertos de andrajos: tendes tudo, e mais ainda: a consideração dos homens, que já não vos apontam como freqüentadores de estradas, desconfiando de vós se lhes faltava uma ovelha ou um fruto no galho... bem vedes que não vos menti!

O mais moço, porém, que tudo ouvira em silêncio, não se conteve, vendo que o pai, casado, emudecera:

—Mas os frutos de ouro, meu pai... a promessa da iara?

—Os frutos de ouro? Ah! Os frutos de ouro... eu os fui ajuntando, para fazer-vos a surpresa, e tenho-os ali, naquela velha arca. Ide ver! A chave está comigo, procura-a debaixo do meu travesseiro!

E o mais moço, ouvindo as palavras do moribundo, procurou a chave; e, achando-a, correu com ela para a grande arca, cercado de todos os irmãos; e, quando abriu, um grande grito saiu de todos os peitos: — Oh!

Estava atopetada de ouro! E os rapazes, mal contendo a emoção, precipitaram-se para junto do leito do moribundo:

—Que fortuna é essa, pai?

E o velho, com a voz enfraquecida, disse:

—É o tesouro da iara que estava escondido na terra!

—E foste tu que o descobristes?

—Eu, não, meus filhos: apontei-vos apenas o caminho! Quem descobriu fostes vós, com o vosso trabalho perserverante; eu acumulei com economia, e agora entrego-vos o que vos pertence. E sabei, filhos meus! Em todo e qualquer ponto da terra há um tesouro escondido, cuja descoberta só é possível fazer-se com o trabalho. Tendes agora abundância e paz; e, se quiserdes aumentar a vossa fortuna, voltai à terra, — que ainda e sempre achareis o que extrair de suas entranhas. Lembrai-vos da iara, lembrai-vos da iara...

E, sem mais dizer, cerrou os olhos docemente, repousando a cabeça no travesseiro.

Estava morto, e sorria.

# 17. Perna de Pau

Coelho Netto

Já grisalho, alto e magro, olhos miúdos e negros, mas de um brilho estranho, viam-no todas as manhãs passar à porta do colégio com uma grossa e nodosa bengala.

Conheciam-no pelo toc-toc da perna de pau; e logo, chamando-se uns aos outros, corriam todos os meninos às grades, e, quando o inválido passava, rompiam em assuada: — Oh, pernetá!

Ele sorria docemente; os seus olhos bravios, de uma expressão feroz, ameigavam-se; e, longe de agastar-se, tirava o seu grande chapéu de abas largas e fazia uma barretada, não sei se para brincar com os pequenos, se para lhes mostrar os cabelos brancos.

Um dia o diretor chamou-o para lhe fazer presente de umas roupas, de sorte que, à hora do recreio, quando os meninos saíram para o pátio, viram com surpresa o *Perna de Pau* sentado tranqüilamente em um dos bancos.

Receosos murmuraram: — Vem dar parte! Vem queixar-se ao diretor! — mas o bom homem sorria com tanta meiguice, que um dos pequenos ousou acudir o seu chamado.

—Venha cá, meu menino! Tem medo de mim?

—Não! — disse com orgulho o pequeno.

—Então venha até cá... eu gosto muito de crianças.

O menino adiantou-se, e os outros, vendo a bondade do inválido, acercaram-se dele, e o bom homem ficou numa roda de crianças, feliz, sorrindo. Um dos pequenos, curioso, perguntou-lhe então ingenuamente:

—Que é da tua perna, homem?

—A minha perna, meu menino? A minha perna um bicho mau levou!

A estas palavras a curiosidade dilatou todas as pupilas, e os meninos, esquecendo o recreio, chegaram-se mais ao homem, perguntando:

—Que bicho? Como foi? Conta...

—Ah! Meus meninos... eu era um rapaz robusto; vivia na minha terra descansadamente, quando correu a notícia de uma fera, que deitava fogo pela boca, queimando as cabanas e as plantações dos pobres, andava se arrastando pela vizinhança da nossa terra.

Diziam que ela matava velhos e crianças. Muitos moços da minha idade partiram para combater a fera que lhes ameaçava a casa e a vida dos velhos pais; eu também tinha minha mãe, uma velhinha, e quando me disseram que o animal podia matá-la, não pensei mais, meus meninos, tomei de uma arma e parti num bando.

Todos quantos nos viam passar abençoavam-nos: um, porque nós íamos defender a sua casa; a mãe, porque íamos evitar que a fera lhe viesse arrancar o filho dos braços, o enfermo, porque não consentiríamos que fosse maltratado. Os velhos mostravam-nos os cabelos brancos, as donzelas atiravam-nos flores, e nós seguíamos, levando todas essas lembranças num registro, que um dos nossos conduzia, para que sempre lembrássemos do que viríamos e ouviríamos.

E chegamos ao sítio em que a fera errava. Ah! Meus meninos! Quanto mal ela já havia feito! Quanta criancinha órfã, quanta cabana reduzida a cinzas, quantos campos devastados! Felizmente, encontramos-la e o combate travou-se.

Muitos dos meus companheiros lá ficaram, devorados pelo dragão terrível; eu, mais feliz, apenas perdi uma perna: e não me arrependo, nem lastimo a dor que sofri, porque, de volta à casa, encontrei minha mãe fiando, e vi minha terra tranqüila e farta, todas as mães contentes, e os velhos respeitados.

—Que seria de vossa mães, meus meninos? Talvez tivessem sido vítimas como outras foram...

—E que bicho era? Perguntou o pequeno curioso.

— A guerra, meu menino! — disse o inválido — Foi na guerra que deixei a minha perna, e não me arrependo: fiz o meu dever, defendendo a minha Pátria, e, quando voltei com peito coberto de medalhas, ainda achei minha velha mãe que me abençoou. Hoje estou velho e doente, e os meninos riem-se de mim...

—Não riremos mais! — disse um pequeno com os olhos rasos d'água; e atirando-se ao pescoço do velho soldado, pôs-se a dizer, comovido:

—“Não riremos mais! Não riremos mais!” — e o *Perna de Pau*, no meio das crianças que procuravam abraçá-lo, rindo, mas com duas lágrimas nos olhos, dizia:

—Ah! Meus meninos, assim dão cabo de mim! — e todos festejavam o inválido, prometiam-lhe presentes, abraçavam-no.

Felizmente pôs termo ao assalto de ternura a sineta, chamando para a aula...

## 18. Pátria Nova

Olavo Bilac

Era dia de descanso no grande engenho. Todas as máquinas estavam paradas, todos os instrumentos de trabalho guardados.

A missa findara; da capela, em bandos alegres, vestindo as suas melhores roupas, saíam as famílias, para o passeio e o folgado.

Sozinho, fincando os cotovelos nos joelhos, e repousando a cabeça nas mãos, um colono já quase velho, mas homem robusto ainda, em cuja cabeleira ruiva começavam a aparecer os primeiros cabelos brancos, — cismava, alheado a tudo, insensível ao barulho de festa que ia pelas casas da colônia.

Formosa, aquela manhã! No fundo azul do céu recortavam-se as montanhas de um verde quente, e, à beira do riacho, que cantava, sobre as pedras e as ervas rasteiras esmaltadas de flores silvestres, voavam os pássaros, tontos de tanta luz. O sol dava um brilho novo às vidraças das casas, batia em chapa sobre as ardósias dos telhados, e animava toda a paisagem de uma alegria comunicativa, que se apoderava de todas as almas. Era domingo. As últimas pancadas festivas do sino morriam docemente na paz risonha do arredor.

Mas o colono continuava a cismar, sozinho, afastado da gente que se divertia...

É que um dia como aquele (havia justamente dez anos!) saíra ele de sua aldeia natal, sob o céu napolitano, — em busca de terras que com menos avareza recompensassem a fadiga de seu trabalho.

Agora, novas terras, nova natureza, gente nova, dias de febre e de esperança primeiro, dias de conforto e de fartura depois, — não lhe haviam permitido o desejo de voltar a sofrer em vão, sem proveito, sobre a terra ingrata, que não tinha pão bastante para dar a tanta gente que lhe pedia... mas ninguém esquece a sua terra, por mais pobre, por mais triste que ela seja! E o colono evocava a recordação do dia em que lá saíra, — e revia todos os aspectos familiares da linda aldeia: as crianças nuas e espertas que se arrastavam no pó, os velhos que ficavam às portas apoiados nos bordões, os rapazes que o sol queimava, e as raparigas robustas que iam com eles para o penoso ofício das lavouras. E uma grande tristeza lhe pesava sobre o coração cheio de saudades...

Mas nesse momento alguém se aproximou dele. Era uma forte mulher, ainda no verdor da idade, trazendo ao colo uma criança. Chegou, pousou a mão no ombro do colono que se absorvia na meditação, e despertou-o da cisma:

—Que é isso, pai? Já o procuramos por toda parte... Que tem? Por que foge de nós num dia como este, e vem aqui ficar, sozinho, com a sua tristeza?

—É justamente por causa do dia de hoje que me vês triste, filha — disse ele. — É possível que te não tenhas lembrado que foi neste dia, há dez anos, que saímos de nossa terra?

Uma nuvem de melancolia sombreou a face da rapariga. Esteve durante alguns segundos calada, ajeitando a ponta do chalé, para livrar dos raios do sol o rosto do pequenino que dormia. Depois, olhando com amor a face triste do pai, respondeu:

—Como não havia de me lembrar, pai! Logo de madrugada, comecei a pensar nisso... estive revivendo o dia em que saí de lá, solteira ainda, deixando as companheiras dos meus folguedos de criança... estive contemplando, em imaginação, o cemitério da nossa aldeia, em que está a sepultura de minha mãe... como é que eu poderia não ter saudades? Mas calei-me, e disfarcei, para não lhe dar essa mágoa, pai... pensei que não se lembrasse!

—Lembro-me, filha, lembro-me bem! Quem esquece a sua terra não tem coração!

Ficaram calados ambos. Depois, a filha continuou:

—Mas escute, pai! Por que há de ficar triste? Mais vale esquecer, e viver feliz, gozando a fortuna

que o seu trabalho lhe está dando aqui! Ouça! Eu, por mim, estou disposta a não pensar mais nisso: foi aqui que vi felizes todos os meus, foi aqui que casei, foi aqui que nasceu meu filho, o seu neto... Por que é que não hei de amar esta terra, como se ela fosse minha?

O colono olhou fixamente a filha:

—Como?! Pois tu és capaz de esquecer a tua terra?

Ela hesitou um momento; mas logo em seguida, com voz firme, disse:

—Não! Esquecer não posso... não posso... mas diga-me: a terra de lá é que é a sua, e é que é a minha.. qual é, porém, a desta criança que aqui está, que nasceu aqui e que vai crescer ignorando a língua que nós mesmos já vamos esquecendo, e vendo todos os dias, da infância à idade madura e à velhice, esta Pátria da liberdade e da riqueza? Olhe! E veja como ela bate palmas, contente, a este sol que a viu nascer!

De fato, a criança acordara. Piscava os olhinhos, entre as pálpebras gordas, sentindo o calor do sol, e agitava-se, rindo, no colo da rapariga.

O homem sentiu os olhos úmidos, e, tomando a criança nos braços, exclamou:

—Tens razão, filha! Esta é a terra de teu filho, esta é a Pátria do meu neto: por que é que não há de ser também a nossa terra?

E, alegre, levantando e abaixando a criança, no ar, com os seus braços robustos, começou a brincar com ele, dizendo-lhe, com o seu acento napolitano:

—Bravo, brasileiro! Bravo, brasileiro!...

# 19. O Ambicioso

Coelho Netto

De volta ao cemitério, onde, sem uma lágrima, deixara o corpo do pai, Felício recolheu-se à casa deserta, e como havia luar, nem acendeu a candeia, para poupar o azeite.

Sentando sob o alpendre, pôs-se a olhar o arvoredado frondoso, cuja folhagem reluzia à claridade, e, mais longe, ondulando, o canavial e o milho.

O velho aproveitara toda a terra lavradia, respeitando apenas o pequeno bosque, em que se abrigava a fonte, e onde, ele e os camaradas iam recolher os galhos secos com que alimentavam o lume.

Seis homens robustos trabalhavam como jornaleiros, ajudando-os no áspero labor agrícola — uns ao arado, outros na carpa, ou colhendo, ou plantando.

As mulheres cuidavam do serviço doméstico, e ainda raspavam a mandioca, debulhavam o milho, batiam o feijão, retiravam o mel dos favos, e reuniam, à tarde, as aves.

As próprias crianças era aproveitadas, — umas guiando o gado aos pastos, outras levando a comida aos trabalhadores, à roça; e como havia fartura, era um encanto a vida no sítio que prosperava a olhos vistos.

Sabia-se que o velho tinha haveres; nem ele fazia mistério disso; antes afirmava com garbo, para estimular os homens ao trabalho: “O pouco que tenho, deu-me a terra, assim o ganhareis, se trabalhades com perseverança. Eu não vos engano — tendes de mim o que mereceis. O bem que fizerdes vos será contado e pago.”

E assim era.

Felício, porém, não se continha aos sábados; mal sopitava a raiva quando o pai pagava as férias aos camaradas.

Aquele dinheiro, passando a mãos alheias, doía-lhe, como se fosse a sua próprias carne tirada aos tassalhos; e, sempre que se recolhia ao leito, murmurava com avareza:

—Hei de acabar com isto! Para que tanta gente? Um só homem basta, e esse serei eu!

Assim pensou, e assim fez.

No dia seguinte ao enterro do velho, Felício chamou os camaradas, fez-lhes as contas, e despediu-os.

\* \* \*

Quando se viu só, Felício esfregou as mãos contente, dizendo:

—Agora sim! Tudo quanto fizer será meu. Não tenho mais quem coma o que eu planto, nem quem leve os meus lucros!

Os mesmos cães, que guardavam a roça, dando caça aos animais daninhos, foram enxotados à pedrada; e o ambicioso ficou solitário, olhando a lavoura exuberante que se desenvolvia ao sol.

Vieram, porém, as chuvas, e a terra entrou a produzir doidamente. O mato apontou, cresceu, invadindo as culturas, cobrindo os caminhos que desapareciam; e Felício, levantando-se muito cedo, ainda com as estrelas a luzirem no céu, saía, e lá se punha a capinar com ânsia.

Por não ouvir as vozes dos animais que alegravam o sítio, — um boi a mugir, uma ovelha a balar, aqui uma galinha cacarejando aos pintos, adiante a pata, com a pequenina frota penugenta dos patinhos, — ficou preocupado.

Por onde andariam? Talvez no pasto. Era melhor assim: não só lhe poupavam o trabalho de os tratar, como ainda, alimentando-se com o que buscavam — e avia tanta erva e eram tantos os bichinhos!

— livravam-no de despesas.

E voltava à terra com desespero.

Para não perder tempo em fazer lume, almoçava uma fruta, e continuava a trabalhar, casmurro.

Todo seu esforço, porém, não conseguia conter a invasão. As ervas más apareciam em toda a parte; e, apenas a enxada deixava um talhão, logo os rebentos abrolhavam.

Às vezes, ele sentava-se à borda das rampas alagado de suor, os braços doloridos, e ficava ali inerte, com a alma cheia de desânimo, revoltado contra aquela vegetação perniciosa que lhe comprometia a lavoura. Logo, porém, excitado pela ambição, retomava a enxada e prosseguia o trabalho.

Em pouco tempo, a linda, viçosa lavoura de outrora desapareceu, suplantada pelo ervaçal bravo; e, onde o milho lourejava com a sua espiga de ouro desnastrada ao sol, cresceram arbustos agrestes e palhegal farfalhante, por entre os quais as cobras venenosas ratejavam chocalhando.

Os animais, mal a noite baixava, saíam das tocas, devorando e destruindo a plantação. Todas as manhãs, Felício parava, pesaroso, diante das covas que eles abriram à noite, e ainda achava restos de mandioca, batatas, raízes de aipim abandonadas à flor da terra.

Já começava a desesperar; mas sempre ambicioso, não se resolvia a recorrer aos jornaleiros.

Se chamasse alguns homens, tudo voltaria ao antigo viço; mas teria de lhes pagar. Não quis, insistiu no labor inútil que só o alquebrava, e, quando caía prostrado, arquejando, logo ouvia os bem-te-vis, que, das árvores, pareciam vaiá-lo e rir da sua pretensão ridícula.

Levantava-se, enfurecido, indignado, blasfemando, atribuindo a sua desgraça aos invejosos que haviam lançado maus olhos ao sítio.

Um dia, sentiu na água um sabor estranho e logo suspeitou que o andavam envenenando.

Subiu ao bosque para examinar a fonte. Dificilmente deu com ela, tão cheia estava de folhas e ramos podres; até cadáveres de animais boiavam em suas águas antes tão límpidas, porque o velho, de quando em quando, mandava um dos camaradas limpar a fonte para evitar que se formassem balseiros.

Então, lá em cima, lançando os olhos à planície, viu toda a grandeza de sua desgraça:— a roça era um mato intenso, e já em torno da casa os espinheiros cresciam e os joás davam os seus venenosos frutos de ouro.

As lágrimas saltaram-lhe dos olhos; e, compreendendo a sua impotência, deixou-se cair em terra Humilhado, certo que, sozinho, jamais conseguiria por cobro àquele mal que era uma vingança da terra.

Lembrou-se, então, dos homens, os leais trabalhadores que haviam ajudado o velho a ganhar o dinheiro que lá estava, em boas moedas, no fundo da arca.

Ah! Se todos ali estivessem... as árvores estariam cobertas de flores, as canas estariam crescidas em touceiras, os milhos ostentariam as gordas espigas, e o gado reluziria nédio.

O gado... onde andariam os seus bois, as suas ovelhas, as suas cabras, os seus cevados e bacorinhos e as aves? Fosse ele procurá-los!

Com um arrancado suspiro desceu vagarosamente à planície.

À Noite, preocupado e sem sono, pôs-se a andar pela casa deserta.

Saindo no alpendre, pareceu-lhe ver o velho pai sentado no banco, em que costumava ficar à noite, fumando o seu cachimbo, a olhar distraidamente as estrelas luminosas.

Atentou a visão, e reconheceu o defunto. Felício pôs-se a tremer, agarrado a um dos esteios, e ouviu o pai que, em voz triste, lhe disse:

É a ambição que te vai levando à miséria, meu filho! Quiseste, por avareza, fazer o impossível e com ânsia de tudo aproveitar, tudo perdeste. Se não houvesse despedido os auxiliares que aqui deixei, não estarias agora a lamentar o prejuízo: onde há mato haveria flor, a água correria livremente e pura, as roças estariam viçosas, e sentirias a companhia do teu semelhante, e ouvirias, no teu repouso, as vozes dos animais. Fazendo felizes serias venturoso. O muito querer é sempre prejudicial. Quem dá trabalho enriquece sorrindo; quem, do seu pão, dá uma migalha ao pobre, farta-se e faz ventura. Que conseguiste

com a ambição?

Antes de lavar, terão os homens que desbastar; e assim vais a pagar o teu pecado com as moedas do cofre e ainda com a humilhação. Ficaste isolado, e a urze da terra saiu a acompanhar-te. Se não quiseses que o mal entre no teu coração, enche-o de bondade: a alma virtuosa não aceita o pecado, é como a leira bem plantada e cuidada, onde não cresce o espinhal. Nos espíritos vazios, como nas terras sem cultura, nascem os maus pensamentos como rebentam os cardos. Quiseste, só com teus braços, fazer a tarefa de seis homens, e nem a tua levaste a termo: porque, mal acabavas a carpa, logo as ervas renasciam. Chama os que despediste, dá-lhes trabalho, e não penses que eles te furtam o pão, acrescentam-no e abençoam-no. O egoísta é como o areal solitário, que, por não dar vida à planta, sofre todos os rigores do sol sem o fresco dos arroios e o gozo da mais pequenina sombra. O mundo é de todos, e só é verdadeiramente feliz quando se é bom. Chama os que partiram, recebe-os na tua casa, paga-lhes o trabalho que fizeram, e eles o renovarão o que a avareza destruiu e tornarás a ver os frutos, a ouvir os gados, e outras moedas se irão juntar às que deixei na arca!

Felício ficou um momento amparado ao esteio, mas o silêncio não foi mais interrompido: o velho desaparecera.

O velho!... Teria sido ele, ou a própria consciência do avarento que assim se manifestara?... Mistério!...

\* \* \*

Na manhã seguinte, começavam a cantar os passarinhos quando Felício desceu à vila para contratar jornaleiros.

Hoje, o sítio é o mais belo do lugar. A casa é nova, e, em torno dela, outras avultam; e, entre as árvores frondosas, é, da manhã à tarde, um alegre cantar de lavradores.

E os milhos crescem, cresce o canavial, o pomar é todo fruto, e Felício prospera, contente, vindo à volta da sua felicidade tanta gente feliz bendizê-lo.

## 20. O Lenhador

Coelho Netto

Quando chegamos à cabana do velho Amâncio, à boca da mata, um cãozinho que dormi a encolhido sobre um monte de bagaços de cana, já secos, perto de uma moenda, saltou ladrando: mas o velho aquietou-o, e, abrindo a cancelinha, que dava ingresso ao terreiro, recebeu-nos amavelmente.

A casa, de taipa, coberta de sapê, era um ninho entre as árvores. As laranjeiras carregadas vergavam os ramos ao peso dos frutos.

A um lado o canavial e os milhos, a outro lado a horta, onde cantava um fino córrego; e, sob a rama frondosa de robusta mangueira, agasalhava-se o paiol modesto; mais adiante, o cercado onde berrava a cabra leiteira, o galinheiro e a ceva.

Amâncio era homem de cinqüenta anos, moreno e robusto, de olhos vivos, barbas e cabelos grisalhos.

Falava sorrindo com expressão afável; e a boa Lívia, sua esposa, que o acompanhava desde a mocidade, já com a pele enrugada e a cabeça toda branca, parecia mais velha do que ele.

Quando entramos na sala da pobre gente, fora na mata, as cigarras cantavam, e as pombas punham uma nota de melancolia no crepúsculo. Vendo-nos com a espingarda, e sabendo que pretendíamos passar a noite na montanha, para que pudéssemos surpreender a caça à hora em que ela sai pelas trilhas sossegadas, Amâncio ofereceu-nos do que tinha no armário, enquanto a boa Lívia estendia na mesa tosca uma toalha alvíssima, que exalava o suave perfume da erva de São João.

Aceitando o repasto que nos oferecia o honesto lenhador, pusemo-nos à mesa.

À luz de uma candeia, a sala tinha um triste aspecto, mas a pobreza era largamente compensada pelo escrupuloso asseio.

Mariposas voavam em torno da candeia; e lá fora, no silêncio, à luz das estrelas, os sapos coaxavam. Em uma das paredes, entre vários registros de santos, havia uma litografia representando o general Osório.

—Vosmecês estão olhando? — disse o lenhador sorrindo. — Aquele é o homem que nos defendeu nos campos de guerra; por isso está perto de Nosso Senhor. A gente acostuma-se a querer bem a esses patrícios, e acaba fazendo o que eu fiz. Lívia anda sempre lidando comigo para tirar o retrato dali, porque não é santo. Mas fez tanto como se o fosse, porque salvou a honra do povo! Pois não é assim? Deus Nosso Senhor do céu há de aprovar meu pensamento. Eu sou assim: tudo por minha terra e pelos homens que lhe fazem bem.

—Desde quando vives neste monte, Amâncio?

—Eu sei lá! Posso dizer que foi neste cantinho que nasci. Quando dei por mim, meu pai, que era um caboclo forte, morava em uma casinha, um pouco mais lá embaixo. Tudo era mato, nesse tempo; hoje é quase tudo cidade. Ainda as onças vagavam pelos caminhos, e não se andava neste monte com o sossego com que se anda agora...

—Havia perigo?

—Se havia perigo! Tudo isto estava ainda como Deus criou. Bem me lembro! À noite era um cuidado! Muita vez meu pai saía com a espingarda para espantar as *suçuaranas* que rondavam a casa. E isto não era como é hoje. Os bichos foram para longe, não há mais aqui em cima, nem mesmo na Mantiqueira onde está o Itatiaia, que é o pico mais alto do Brasil, vosmecês sabem. Só as árvores ficaram, ainda assim já desceram muitas.

O velho lenhador baixou a cabeça grisalha, mas levantando-a, pouco depois, continuou:

—Américo (vosmecês não conhecem meu filho Américo, que é marinheiro?) disse-me, certa vez,

uma coisa que me fez pensar: “Ah! Meu pai, a gente na cidade é que compreende o valor das árvores que foram as suas companheiras. O tronco que meu pai derruba vem para as oficinas — de uma sai feito navio, de outra sai transformado em leito: é mobília do rico, é o catre do pobre, é o esteio da casa, é o altar. Quase tudo quanto a gente vê em construções saiu da floresta. O navio, em que eu ando, foi um canto de bosque — teve folhas e flores — hoje, depois que os troncos foram trabalhados, anda sobre as águas: é a floresta que vai pelo mundo levando a nossa bandeira nos mastros como uma flor no galho. Eu vejo a floresta em toda parte, meu pai. É bem verdade! Américo disse bem! E não é só a madeira que vai do monte — é a água, que mata a sede, é a caça, que alimenta, são as penas dos passarinhos, é a flor, é a resina, é a erva que cura, é tudo quanto há de bom nesse mundo. No tempo da guerra — tempo triste! — vieram aqui buscar madeira para os navios, para os carros, para os esteios, e a mata foi descendo, a seguir com o exército. A terra também entra em combate quando os seus filhos pelem por sua honra.

—E você vive de lenhar, Amâncio?

—Então? Cada um faz o que pode, contanto que trabalhe. O covoerio vem, abre a cava, queima a lenha e desce com o carvão que vai dar fogo às casas. Não é um homem honrado? É, faz a sua tarefa. Eu derrubo árvores, vosmecês estudam. Eu trabalho para vosmecês, vosmecês trabalham para mim. É duro o meu serviço, estou com as mãos cheias de calos, mas a minha consciência é leve, porque nunca procedi mal.

Assim dizendo levantou-se, abriu uma janela ao luar e ao perfume do monte:

—Se vosmecês querem apanhar alguma coisa, vão indo — agora as pacas estão bebendo. Eu vou também para mostrar os caminhos. Dá cá a espingarda, minha velha; fecha a casa e dorme. Vamos! Está uma noite como poucas, e a gente, aqui em cima, parece que está mais perto do céu. Vamos com Deus e a Virgem!

E saímos os três pelo adormecido monte.

## 21. Uma Vida...

Olavo Bilac

No alto do morro, que demorava a cavaleiro da fazenda, ficava a casinha do velho preto, do velho e meigo *pai João*, tão velho que já não podia andar, e que já todos os seus dentes tinham caído.

A casa era como uma toca, entre árvores velhas como ele, no meio da verdura das folhagens abrigavam carinhosamente aquele centenário, a quem a morte parecia haver esquecido no lindo recanto da terra brasileira. *Pai João*, como o chamavam todos, envelhecera no trabalho. Por muitos e muitos anos a fio, os seus braços empunhavam a enxada, beneficiando a terra. Tinha visto, pouco a pouco, transformarem-se os lugares de incultos em produtivos, e conhecera toda a gente que por ali passara: já era homem feito quando os velhos de agora ainda eram meninos, correndo às soltas pelos campos; vira nascer e morrer muita gente, e vira a fazenda passar de senhores a senhores... Agora, havia muito tempo que não trabalhava: mas a gratidão dos donos da terra lhe havia reservado aquele calmo retiro, último abrigo de toda uma vida de labor e dedicação.

Logo ao clarear da madrugada, *pai João* saía, arrastando-se, da sua cabana, e vinha sentar-se à porta, no rústico banco de pau. Já o encontrava ali os primeiros raios de sol, que lhe vinham beijar a cabeça emaranhada em duros cabelos carapinhados, alvos como a neve. Em torno, a paisagem esplendia. A encosta da colina, atapetada de uma relva macia, descia docemente para o vale, onde assentavam as casas da fazenda. Lá estavam, longe, as casas dos colonos, os paióis, as grandes casas das máquinas, a capela pequenina e branca, e, cercando tudo, de um lado as plantações ricas, e do outro o campo vasto, em que o galo pastava, numeroso e nédio. O velho preto, magro e trêmulo, sentava-se, cruzava no colo as mãos descarnadas, e começava a acompanhar com amor a agitação de todo aquele trabalho, que já não era para o seu corpo sem forças. Dali, via ele a partida matinal para o campo, — o bando alegre dos lavradores fortes, enchendo com a vozeria das suas cantigas a amplidão do céu. Dali, ouvia ele os toques da sineta, transmitindo ordens, marcando as horas das refeições e do descanso.

Eram as crianças da fazenda que lhe traziam comida: e *pai João*, comendo, ia com a voz fraca dizendo histórias ingênuas, que os pequenos escutavam com delícia. Depois, dormia, à sombra, enquanto a viração embalava docemente as árvores e as borboletas revoavam sobre as flores silvestres. Parecia o gênio tutelar da fazenda, aquele bom velho, que a vira nascer, crescer e prosperar...

Ao anoitecer, recolhia-se. Mas, não raro, por noites claras, quando a lua brilhava no céu, vinha a gente de baixo conversar com ele, e dos seus lábios ouvir a história viva daqueles sítios; e muitos colonos brancos, vindos de longes países, gostavam de receber lições e os conselhos do antigo escravo.

Foi numa noite dessas que eu conversei com ele, no alto do morro, ouvindo lá embaixo, nas casas dos colonos, a música das sanfonas e das violas.

—Você, em toda essa vida tão comprida, deve ter sofrido muito, hein, *pai João*? — perguntei com interesse.

Ele levantou para mim os olhos quase apagados, e teve um sorriso. Depois, começou a falar, como um pobre preto ignorante que era, na sua linguagem rude; não guardei memória de suas palavras, mas guardei o sentido do que elas queriam dizer:

—Toda a gente sofre neste mundo, moço! Mas eu não tenho muita razão de queixa... é verdade que, nos primeiros tempos, tive de chorar bastante, com a saudade da minha terra; e depois, o cativo (no tempo em que havia cativos!) era uma grande maldade!... Mas, se houve senhores maus, que castigavam barbaramente os escravos, também houve senhores bons, que não gostavam de ver o sofrimento deles. Eu fui um dos primeiros homens que trabalharam aqui.

Quando vim, tudo isso era mato. Aqui gastei toda minha mocidade. Logo depois, porém, fiquei

livre, e fui um amigo daquele de quem havia sido um escravo. Era eu o seu homem de confiança. Só no meu trabalho é que o senhor tinha fé. Tive filhos: quando houve guerra do Paraguai, dois de meus filhos, já livres, foram brigar com a gente do Lopes; um ficou por lá, varado de balas; mas o outro voltou e veio morrer muito depois, nos meus braços, deixando-me cheio de netos... Esses netos andam por aí ganhando a sua vida, como os brancos, sustentando as suas famílias, trabalhando para si e para os seus. E eu hoje só conheço esta terra, onde me fiz homem, esta terra que eu lavrei enquanto tive forças, e que ainda hoje, para me pagar o bem que eu lhe fiz, me dá a sombra das suas árvores, e a comida que me sustenta. Toda a gente sofre nesta vida, moço: mas outros sofreram mais do que eu... É por isso que eu não me queixo! Deus nosso senhor não quis que eu acabasse os meus dias na miséria, sozinho, sem ter quem me desse um pedaço de pão, e quem me fechasse os olhos na hora da morte. Que é que eu posso querer mais? Toda a gente aqui é minha amiga; toda gente sabe que o coitado do pai João nunca fez mal a ninguém. Também, todo o povo vem sempre saber como vai o velho... Ah! Eu só tenho medo da morte, porque ela me há de tirar deste cantinho que amo tanto! Não sofri muito, não, moço, porque sempre fui trabalhador, e o trabalho sempre faz a gente feliz!...

Assim falava pai João... eu, ouvindo-o, pensava em todo o seu passado. Ali estava um homem que dera tudo à terra querida: dera-lhe o suor de seu rosto, o melhor da sua vida, toda a força do seu corpo e todo amor da sua alma, — e ainda o sangue de seus filhos... e, agora, já quase morto, ainda amava como nos primeiros dias; e a sua mão, cansada e trêmula, estendida sobre os campos, parecia abençoar, num gesto derradeiro de proteção e carinho.

## 22. Quem tudo quer, tudo perde

Coelho Netto

—Parece que bateram! — disse o carvoeiro.

—Foi o vento, — respondeu a mulher.

Efetivamente, a velha cabana, levantada junto às primeiras árvores da floresta, parecia gemer, e tremia, abalada pelo vendaval, que levantava, em torvelinho, as folhas secas, arrancava robustas árvores, deixando-as tombadas, com as raízes retorcidas à flor da terra.

Os filhos do carvoeiro, três rapazitos e uma menina, que era a mais nova, cercavam-no, pálidos de medo, persignando-se toda vez que um relâmpago alumia a cabana.

A chuva jorrava com fragor e na floresta crescia o barulho das árvores.

De novo o carvoeiro disse:

—Parece que bateram! Talvez seja algum viajante fugindo à tempestade!

Nenhum dos pequenos se atreveu a ir à porta, que rangia aos empurrões do vento.

A pequenita, porém, enchendo-se de coragem, decidiu a ver se havia alguém.

Justamente chegava à porta, quando, de novo, bateram clamando:

—Dai-me um agasalho, pelo amor de Deus!

Sem hesitar, a pequenita virou o ferrolho, e, com uma lufada violenta, ao clarão de um relâmpago, um velho precipitou-se no interior humilde.

Era alto e magro, estava coberto de andrajos. No lugar em que se deteve, ainda atordoado, ficou uma poça d'água, tão encharcado estava.

O carvoeiro levantou-se para recebê-lo; o velho, depois de abençoar a pequenita, abeirou-se do lume, tiritando, a falar da devastação que a tempestade ia fazendo por aquelas terras.

Deram-lhe do que havia no armário: pão, queijo e frutas, e o peregrino, confortado, tomando ao colo a pequenita, pôs-se a afagá-la carinhosamente.

Lá fora a tormenta continuava a rugir.

—Habitais um sítio muito arredado e triste, disse o velho carvoeiro.

—É verdade, é bem triste! Dá-me a floresta que vendo, a água que bebo, e a caça de que me nutro. O lugar é melancólico, mas nunca nos faltou o necessário, porque o meu trabalho o sabe tirar das árvores e das tocas.

Depois de um silêncio, em que pareceu meditar, o velho disse, alisando os cabelos da pequenita:

—Tendes, entretanto, a fortuna muito perto de casa. Na caverna da floresta há um tesouro guardado desde os tempos do rei Salomão. Quem lá for, e tirar, de cada vez, quando possa conduzir sem fadiga, tornará ao lar tranqüilamente; aquele porém que se exceder na carga, terá no próprio sítio o castigo da ambição.

—O que dizeis é verdade!? — exclamou o carvoeiro alvoroçado.

—Só a verdade vos digo, — afirmou o velho.

Os pequenitos, que tudo ouviram, logo resolveram visitar, na manhã seguinte, a caverna da floresta em procura do tesouro.

Caindo a noite, amainada a borrasca, o velho, apesar das instâncias do carvoeiro e da mulher, tomou o cajado, depois de agradecer a hospedagem e de abençoar a pequenita.

Na cabana ninguém dormiu; e, aos primeiros albores da madrugada, saíram todos — o carvoeiro, a mulher e os três rapazitos.

A pequena ficou para guardar a casa e preparar a refeição.

Embrenhou-se a família. Cada qual levava um saco, contando regressar com grande cópia de ouro.

Chegaram a caverna, que ficava em sítio temeroso, e vagarosamente, penetraram.

Bem ao fundo viram como um monte de brasas que topetava com a abóbada — eram luzentes barras de ouro.

Rojaram-se todos, e, esquecidos das palavras prudentes do velho, puseram-se a encher os sacos, sempre achando pouco o que guardavam.

O carvoeiro levantou-se, e, com esforço, aos arrancos, arrastou seu saco até o limiar da caverna, sem poder erguê-lo, tão superior às suas forças era a carga.

A mulher mal se podia mover, tirava o seu saco aos empuxões, arquejando; o mesmo faziam os pequenos com o exemplo dos pais.

Um deles, porém, recordou as palavras do velho; mas o carvoeiro irritou-se:

—Ora, o velho... se bem andou, longe vai! Quem sabe se eu me havia de abalar de casa por uma barra de ouro! Temos a fortuna à mão, tolos seremos se a não aproveitarmos!

Lentamente, esforçadamente, chegaram ao limiar da caverna, mas logo se sentiram presos.

Os pés afundaram no solo alongando-se em raízes, os corpos mudaram-se em troncos, os braços estenderam-se em folhagem, e transformados em árvores, ali, ficaram, bracejando ao vento.

Debalde a pequenita esperou-os para o jantar. Em vez deles, chegou a noite.

Na manhã seguinte, foi ela à floresta, procurou-os, chamou-os, e, guiando-se pelas pegadas que haviam ficado na terra mole, foi ter à caverna.

Passou pelas árvores, sem perceber que eram os seus parentes, e estacou deslumbrada diante do cógulo de ouro.

Alegre, rindo, apanhou três barras das mais luzentes; sentindo, porém, o peso demasiado, e lembrando-se da recomendação do velho, desfez-se de uma, e, folgadoamente, ia saindo, quando ouviu as vozes escarninhas:

—Por tão pouco não valia a pena teres vindo de tão longe! Volta à caverna, e toma outras barras de ouro!

Sem dar ouvidos à sedução, a pequenita passou as árvores, e regressou à cabana.

No dia seguinte, tornou à caverna, e com mais duas barras voltou contente. Repetindo a viagem durante meses, tornou-se dona de todo tesouro.

Uma tarde, sentada à porta da cabana, chorava, quando viu vir uma velhinha que parava de instante em instante, fatigada.

Convidou-a a descansar um momento, e deu-lhe do que tinha, e enquanto comia, a velha pediu-lhe a razão das lágrimas que che arrasavam os olhos.

—Choro os que perdi, meus pais e meus irmãos. Sou rica, riquíssima! Tenho mais ouro nesta cabana do que tem o rei no seu erário; dá-lo-ia todo, de bom grado, pela antiga pobreza, se, com ela, voltassem os que perdi!

Enquanto ela chorava, ia a velha, astutamente, recolhendo as suas lágrimas em um pequenino vaso de cristal. E disse-lhe, por fim:

—Vamos à caverna! És digna de ser amerceada!

E logo, ágil como se a levassem asas invisíveis, a velhinha transportou-se da cabana à floresta, levando a pequenita.

À entrada da caverna, pôs-se a aspergir as árvores com as lágrimas, e logo se desfazia o encanto, e, um a um, reapareceram o carvoeiro, a mulher e os rapazitos.

Antes, porém, que eles se tirassem do espanto, disse a velha á pequena:

—Aqui os tens! Leva-os contigo, e que lhes fique na memória este caso! Toda a ambição é prejudicial. O homem não deve tentar o impossível: quem muito quer, tudo perde; e é com perseverança e trabalho que se consegue a fortuna.

Como um fumo que se dissolve, a velha desapareceu, e a pequenita, abraçando os pais e os irmãos,

reconduze-os à cabana, onde lhes mostrou a riqueza acumulada com paciência se sem fadiga, com a qual passaram a viver na cidade, com o fausto que o ouro lhes garantia.

E o carvoeiro, bendizendo o coração da filha, referia-lhe os tormentos que haviam sofrido, ele e os seus, durante o tempo que viveram metamorfoseados em árvores.

## 23. A Civilização

Olavo Bilac

Uma noite, toda a família, reunida em torno da grande mesa da sala de jantar, passava calmamente o serão. Otávio, inclinado sobre as páginas de um livro, contemplava as gravuras, e lia com interesse as linhas, em que se narravam longas viagens arriscadas, por terras e mares, na África, na Ásia e nas regiões geladas dos pólos.

De repente, o menino levantou os olhos do livro, e perguntou:

—Papai, que quer dizer “civilização”?

—Por que perguntas isso, Otávio?

—Porque está escrito neste livro que os exploradores da Ásia, da África e dos pólos têm o propósito de levar a civilização a essas regiões... então os homens que lá vivem não são homens como nós?

—São homens como nós, meu filho, mas não são civilizados como nós somos...

E, com paciência e carinho, o pai de Otávio começou a explicar-lhe o que é a civilização:

—A civilização, que é a difusão das riquezas materiais, intelectuais e morais, não pode nunca, sem um longo trabalho de reforma paciente, tomar conta de um país. Para que um povo tenha civilização, é necessário que o moroso passar dos séculos vá aperfeiçoando o caráter desse povo. Assim se a terra brasileira é hoje próspera e forte, foi necessário para isso o esforço coletivo e anônimo das gerações que se tem sucedido. Tu, que nasceste em plena civilização, gozando os benefícios que o trabalho dos teus antepassados preparou, concentra o teu espírito, e, contemplando o presente e lembrando o passado, compara-os, admirando o que foi esse lento progresso. Lembra-te, primeiro, da antiga bruteza deste solo: as selvas espessas e impenetráveis sucediam-se, como enormes muralhas; os rios, largos e achacoeirados, opunham novas barreiras ao passo humano; toda a natureza se mostrava concertada para repelir outros habitantes que não fossem os que ela já possuía, rudes e selvagens como ela. Esses viviam vagando, sem pouso certo, em constantes guerras; quando entravam na vida sedentária, a sua habitação era um agrupamento informe de *ocas*<sup>[v]<sup>[i]</sup></sup> de barro e madeira tosca, cercadas de trincheiras de espiques de palmeiras. E o que era a vida social desses tempos, diziam-no claramente as caveiras dos inimigos mortos em combate, espetadas nas *caixaras*<sup>[vi]<sup>[ii]</sup></sup>. Compara esses tempos ao tempo de agora! Vê como a terra brasileira está coberta de uma população de dezoito milhões de homens; o esforço humano venceu a hostilidade da natureza. As florestas abriram-se; desvendou-se o mistério das serras; as pontes, arrojadas de margem a margem, dominaram os rios; as feras recuaram; e o arado rasgando vitoriosamente a terra, deixou-a submissa e amiga. Abre agora um mapa, e vê como as estradas de ferro serpeiam, transpondo as águas, furando os montes, servindo os centros rurais, parando de espaço a espaço, ao pé de uma cidade, para logo correr de novo pelos campos, em busca de outras... De extremo a extremo do país, a civilização estendeu essa rede prodigiosa, que é como a ramificação de uma árvore imensa: dos troncos centrais partem os galhos, dos galhos partem as ramadas, e de ano em ano troncos novos se fixam no solo, expandidos em linhas várias, que vão de quilômetro em quilômetro ocupando todas as zonas povoadas ou por povoar. É por essa imensa combinação de canais que circula a atividade do trabalho, como pelas artérias e pelas veias do corpo humano circula o sangue que mantém a nutrição do organismo. E repara agora como, acompanhando as locomotivas, que voam pelos trilhos, se estendem os fios telegráficos, constantemente vibrando, conduzindo a eletricidade invisível e poderosa, que transmite o pensamento, e que congrega num mesmo ideal de ordem, de disciplina, de submissão ao governo da lei todos os cérebros... E observa agora o conforto da gente que trabalha. A sua habitação já não é a rude *taba* do selvagem, nem a feia *senzala* dos escravos, onde em promiscuidade imunda os deserdados da

fortuna penavam e morriam. A senzala desapareceu, como desapareceu a *oca*. Limpa e arejada, a habitação atual do lavrador, do trabalhador livre, sorri, como a morada da paz e da fartura. Quando, ao romper da clara manhã, o trabalhador deixa casa, para ir mourejar, sabe que deixa acomodada e feliz a família: e, voltando a cabeça, para com um olhar amigo abençoar os filhos que da porta o vêem partir, ele sabe, avistando a fumaça que coroa a chaminé doméstica, que ali não falta o pão, como não falta sossego... agora, vê que multidão de cidades há espalhadas pela tua terra, meu filho!... Umas, postas à beira-mar, dominam as águas contidas pelos cais, vendo balançarem-se aos seus pés os navios, em cujos mastros as bandeiras de todos países da terra flutuam. Outras, emergem risonhas e barulhentas do seio fecundo das matas. Outras, agarradas aos flancos das serras, são as primeiras a receber a luz do sol, e parecem estar celebrando, com o clamor dos seus sinos, com o estrépito das máquinas das suas fábricas, a glória do homem! E, enquanto os homens vão para o trabalho, as crianças, logo às primeiras horas do dia, partem para a escola...

—A Escola também é fruto da civilização, papai? — perguntou Otávio, que ouvia tudo aquilo com uma atenção religiosa, fitando no pai os seus grandes olhos inteligentes e curiosos.

—Também, meu filho! E a Escola de hoje já não é o que era antigamente, no início da civilização. A Escola já não é um lugar de tristeza e martírio: é um prolongamento da casa da família. O mestre na apela para o castigo corporal, para a dor física, como para os únicos meios de formar a alma da criança: apela para o exemplo, para o carinho, para o afetuoso conselho que convence e comove. E, nas salas claras, diante dos mapas, diante dos livros, as crianças já não bocejam, acabrunhadas pelo tédio: sentem-se bem, na atenção com que elas ouvem as lições, o desabrochar da sua inteligência na alegria, que é a saúde moral, e na vontade de saber, que é o elemento principal da educação. E aí tens o que é a vida de hoje em tua Pátria, meu filho! E aí tens o que é “civilização”! Lembra-te de novo do tempo em que as tribos viviam por aqui, nuas e sem leis, e do tempo em que somente os braços dos pobres cativos exploravam a terra, —e mede a extraordinária extensão do progresso que temos conquistado!

—E esse progresso é completo, papai?

—Não. O progresso humano é incessante e infundável. O trabalho do homem não para. No meio das imperfeições e das injustiças que ainda há nas sociedades civilizadas, esse trabalho é a garantia de um futuro cada vez melhor. O esforço coletivo, animado pelo amor e pela bondade, há de um dia nivelar todos os homens, e há de assentar no seio do planeta que habitamos a felicidade completa! Tu, que amas a terra em que nasceste, aprende, reconhecendo o valor do que os teus avós já fizeram, a sacrificar o teu próprio bem ao bem comum, para que os teus filhos e os teus netos possam abençoar a tua memória, como abençoas a memória dos que te deram a civilização!